

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume VI

Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Silvana Matias Freire

Organizadoras



Cegraf UFG





Universidade Federal de Goiás

Reitor

Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora

Sandramara Matias Chaves

Diretor do Cepae

Alcir Horácio da Silva

Vice-Diretor do Cepae

Allysson Fernandes Garcia

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

Conselho Editorial deste livro

Alessandra da Silva Carrijo – UFG

Aline Gomes Souza – SME de Goiânia

Allysson Fernandes Garcia – UFG

Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco – UFRJ

Denise Cardoso – UFPA

Elianda Figueiredo Arantes Tiballi – PUC Goiás

Éric Fernández Hernández – Universidade de Havana / Cuba

Jose da Silva Ribeiro – Ao Norte / Portugal

Josias Pereira da Silva – UFPel

Maria Luiza Batista Bretas – IF Goiano

Neisi Maria da Guia Silva – UFG

Rafael de Almeida Tavares Borges – UEG

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume VI

Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Silvana Matias Freire

Organizadoras

© Deise Nanci de Castro Mesquita; Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha;
Silvana Matias Freire (org.), 2021

© Cegraf UFG, 2021

Revisão

Cegraf UFG

Editoração

Julyana Aleixo Fragoso

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

E74 Escola de educação básica para todos! [E-book] / organizadoras,
Deise Nanci de Castro Mesquita, Maria Alice de Sousa
Carvalho Rocha, Silvana Matias Freire. - Goiânia : Cegraf UFG,
2021.
V. 6 : il.

Inclui referências.

ISBN (E-book) 978-85-495-0409-8:

1. Educação básica. 2. Escolas. 3. Prática de ensino. I. Mesquita,
Deise Nanci de Castro. II. Rocha, Maria Alice de Sousa Carvalho.
III. Freire, Silvana Matias.

CDU: 37(81)

Bibliotecária responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
RECORDAÇÃO, REPETIÇÃO E MONTAGEM: UM EXERCÍCIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM AUDIOVISUAL	11
Deise Nanci de Castro Mesquita	
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha	
Silvana Matias Freire	
CURTAS-METRAGENS 2019	43
CURTA AS HISTÓRIAS.....	47
Weslania Evangelista de Jesus	
NOSSO OLHAR.....	68
Élida Ferreira	
ELA É... ELA	79
Gilvana Maria Machado	
O LIXO NÃO SE FAZ SOZINHO.....	87
Denízia Rosa Ferreira Alves	
A JAQUETA.....	102
Maria Zilma Ferreira Santos	
CURTAS-METRAGENS 2021	108
SEM SINAL	112
Iracj Maria Rodrigues	
Janaina de Carvalho Neto	
Mariusia Alves Sartin	
LUEDJI	118
Lara Fogaça dos Santos	
Wanderley José de Faria	
Júlio César Bueno Pimentel	

NOÉ DAS ARTES.....	126
Deyzylany Ferreira Neves	
Edson Barbosa	
Fernanda Bueno	
REINVENTAR	133
Élida Ferreira	
Lucas Soares da Silva Filho	
Patrícia Maria Jesus da Silva	
Victor Dutra	
A SUBMISSÃO DAS MULHERES ÀS REDES SOCIAIS	149
Isabella Pimentel Sousa	
Vitória Geovanna Lemos de Araujo	
PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM VISUAL E AUDIOVISUAL	152
IMAGENS ESTÁTICAS 2021.....	158
Dia 07/06	166
Dia 08/06.....	169
Dia 09/06.....	172
Dia 10/06.....	175
V FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!	179

APRESENTAÇÃO

Aceitei o convite para apresentar o volume VI da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! não por me sentir preparada para essa tarefa tão importante, mas por me sentir parte da amorosidade, durante os encontros que partilhamos às segundas-feiras, no primeiro semestre de 2021, desse tempo pandêmico, que parecia um oásis de sanidade, beleza e alegria, em meio a tantas notícias tristes, nesse Brasil mergulhado na barbárie. Foram momentos catárticos de ensino e aprendizagem significativos, daqueles que a gente leva para a vida toda e que quando lembra aquece o coração.

Tudo começou na disciplina de Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual, do PPGEB/Cepae/UFG. Quando me inscrevi acreditei que iria ter aulas de ferramentas, programas, ou aplicativos para fazer vídeo, mas fui surpreendida, pois o que nos foi oferecido foram livros, obras, textos de autores como Paulo Freire, Freud, Didi Huberman, Walter Benjamin, Rivera, Derrida, Barthes, além de uma farta videografia, composta por longas, curtas, documentários, filmes conhecidos de cineastas famosos, outros nem tanto, histórias de fotógrafos incríveis. Mas o que tudo isso tinha em comum era educar o olhar, o sentir, a nossa subjetividade para compreender não apenas o literal, o óbvio, mas o que tem nas entrelinhas, assumir nosso papel de sujeito social,

histórico e crítico, perceber as mensagens encobridoras que estão por toda parte na cultura, na arte e em nossas vidas.

O desafio, porém, não era simplesmente ler, assistir, apreciar e discutir, era preciso construir em cooperação, produzir ciência de outro modo, transformar os textos científicos em imagens estáticas e em imagens em movimento, provocar os expectadores a ler o que está e não está escrito, ver no vazio, dizer o não dito, querer mais, imaginar outras possibilidades.

A inspiração das aulas estava explícita, era Paulo Freire, não somente pela proposta das professoras, ou pelos seus textos, mas na vivência, na experimentação, no acreditar que todos são capazes de fazer a seu modo e de educar-se em conjunto. Se pegarmos o título do último livro que Paulo Freire publicou em vida, *Pedagogia da autonomia* (1996), à luz da visão neoliberal, ou do senso comum, temos a impressão de que estamos falando de alguém que ao final dos estudos estará apto a fazer as coisas por si mesmo, sem ajuda de ninguém, com independência e competências plenas. Mas se nos propusermos a compreendê-lo em sua gênese, veremos que Paulo Freire se refere à autonomia como emancipação, não como fazer as coisas sozinho; ao contrário, pois em todo o seu caminhar, ele formou grupos, círculos de cultura, onde as pessoas aprendiam em comunhão, de maneira humanista, a partir de uma visão educativo-crítica.

Foi o que nos aconteceu. No primeiro dia de aula, aquele grupo único de mais ou menos quinze pessoas – de diferentes lugares: Goiânia, Pará, uns mais jovens que outros – foi transformado em círculo de cultura, onde cada participante trazia suas vivências, experiências e leituras de mundo, para a partilha. Fomos provocados a criar outros pequenos gru-

pos para planejar, criar e realizar os projetos visuais e audiovisuais que seriam o produto da disciplina. Após emergirem sentimentos de incompetência, provavelmente recalçados em nós, por experiências outras que nos condicionaram, aceitamos o desafio nos apoiando mutuamente.

Tivemos encontros maravilhosos durante as aulas, sem e com convidados, mas ouvir críticas, temos que admitir, não foi o nosso forte, em certos momentos nos mostramos crianças esperando a aprovação de todos e nem sempre isso é possível, afinal aprender requer persistência, flexibilidade e saber ouvir pensamentos divergentes. Nem tudo saiu como esperávamos durante o processo, pois entre imaginar, escrever e produzir uma imagem, seja ela em movimento ou não, tem um profundo abismo, mas, às vezes, o que não dá certo fica melhor que o imaginado.

Imprescindível ressaltar que as imagens e os curtas que vocês verão, não teriam sido possível se não houvesse, como nos ensina Paulo Freire: a rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito aos saberes dos educandos, a criticidade, a estética e ética, a corporificação das palavras pelo exemplo, o risco, a aceitação do novo, a reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, a consciência do inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia, bom-senso, humildade, tolerância, curiosidade, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, competência profissional, generosidade, comprometimento, liberdade e autoridade, saber escutar, disponibilidade ao diálogo e querer bem aos educandos, partilhados e apresentados a nós pelas orientadoras: Deise, Maria Alice e Silvana, que são

exemplos de que a prática freiriana está viva. E em nome de todos os colegas que compõem esse volume, agradeço a bondade de ter partilhado esses saberes.

Élida Ferreira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em

Ensino na Educação Básica - Cepae/UFG

Professora da Rede Municipal de Goiânia - CORAE

RECORDAÇÃO, REPETIÇÃO E MONTAGEM: UM EXERCÍCIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Deise Nanci de Castro Mesquita¹

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha²

Silvana Matias Freire³

Resumo

Este capítulo apresenta e discute o processo de criação com imagens de dois grupos de estudantes que cursaram a disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual, no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, durante um semestre letivo nos anos de 2019 e 2021. Com base na leitura de

-
- 1 Professora e pesquisadora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: mesquitadeise@ufg.br.
 - 2 Professora e pesquisadora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: maria.carvalho@ufg.br.
 - 3 Professora e pesquisadora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. E-Mail: silvanaf@ufg.br.

textos sobre Cinema e Educação, foram discutidos os conceitos de linguagem, imagem, representação, significante, repetição e montagem. Esses temas foram abordados a partir da psicanálise freudiana para delinear um ensino criativo, experiencial e colaborativo em linguagem não verbal. Para isso, foi realizada uma série de estudos com debates, vídeos, filmes e apresentações com convidados que apresentaram suas produções visuais e audiovisuais. Durante essas rodas de conversa, os convidados puderam orientar e avaliar também o exercício desenvolvido pelos grupos que, cooperativamente, experienciaram pela primeira vez o ato de criar e montar imagens estáticas e em movimento, de forma a apresentar uma narrativa sobre temas relacionados à educação. O resultado desses ensaios artísticos foi apresentado em duas mostras, organizadas em parceria por projetos de pesquisa e de extensão da UFG e de outras instituições nacionais e internacionais; e pode ser apreciado no Canal Youtube acessando os *links* que acompanham suas breves descrições neste texto, que introduz os demais desse volume dedicado exclusivamente ao relato de cada uma dessas dez criações imagéticas, todas inspiradas no legado de Paulo Freire.

Palavras-chave: Imagem. Ensino experiencial. Criação.

Linguagem, Alteridade e Ciência

Ad-mirar, mirar desde dentro, cindir para voltar a mirar o todo ad-mirado, que são um ir até o todo e um voltar dele até suas partes, são opera-

ções que só se dividem pela necessidade que tem o espírito de abstrair para alcançar o concreto. No fundo, são operações que se implicam mutuamente. (Paulo Freire, 1981).

Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual! Isto é possível? Do que se trata, afinal? Para estudiosos da linguagem que tomam o conceito estruturalista de língua em Saussure (1994) e sua ressignificação em Lacan (1998), a proposta e a resposta parecem bem coerentes e justificáveis. Mas vejamos se os porquês se sustentam, na narrativa, dissertação e descrição do texto que se segue. Trata-se de uma apresentação e discussão sobre o processo de criação imagética experienciado por dois grupos de alunos (mestrandos, licenciandos e secundaristas) matriculados na disciplina sob o mesmo título, nos anos letivos de 2019, presencialmente, e de 2021, na modalidade remota.

Parte dessa ideia começou na África, em aldeias do sul de Moçambique onde estava sendo desenvolvido um projeto de formação com jovens em situação de vulnerabilidade. Lá, a ideia foi colocar celulares e câmeras nas mãos de adolescentes, para que pudessem fotografar e/ou filmar a cultura, os costumes, os rituais... vivos de suas comunidades. O objetivo, no fundo, era que tivessem a oportunidade de “admirar” seu dia a dia e, assim, reconhecer, recordar, ressignificar e dar testemunho de sua história. Ao longo do ano, o resultado foi tornando-se cada vez mais surpreendente: traziam fotos de diferentes objetos (re)criados a partir de material reciclado, imagens de crianças entretidas em seus duros trabalhos diários e brincadeiras pueris, vídeos de jovens e adultos em apresentações festivas nas igrejas, escolas e centros

comunitários e, por convite e combinação entre eles e seus avós, um grande arsenal de filmagens que resgatava o ancestral, porém esquecido, hábito de narrar contos e lendas, as *Nkaringana Wa Nkaringana* que educam para a vida, reunidos sob a sombra de um majestoso Baobá.

Posteriormente, estes testemunhos traduzidos em imagens estáticas e/ou em movimento eram apresentados a eles, seus familiares e aos estrangeiros em trabalho voluntário na ONG Fraternidade Sem Fronteiras, como forma de interação e integração social, já que a comunicação verbal oral e escrita entre todos não era algo simples. O fato é que embora o idioma oficial do país seja compulsoriamente o português, as línguas adotadas pela maciça maioria dos idosos e crianças e grande parte dos jovens não escolarizados são tão diversas quanto as etnias que conseguiram sobreviver às colonizações e guerras civis, que só tiveram pausa com a proclamação oficial da independência de Moçambique, em 25 de junho de 1975.

Esta vivência multicultural e plurilinguística ofereceu inúmeras lições para todos. Durante os encontros semanais, alguns jovens relatavam a “ad-miração” que podiam experimentar durante o processo de observar, selecionar e enquadrar a realidade a ser fotografada ou filmada. Segundo alegavam, o olhar sobre suas próprias vidas e a forma como interpretavam o mundo passaram a ter outras significações, menos preconceituosas e discriminatórias sobre o que consideravam ignorância, analfabetismo ou falta de cultura. Outros valores foram reconhecidos e redimensionados, aqueles cuja essência marca a sua ancestralidade. E o resultado disso foi que muitos passaram a se orgulhar de dar testemunho de sua história, de criar narrativas imagéticas representativas

da força, do valor, da beleza, criatividade e alegria do povo moçambicano, e não apenas da miséria e fome que assolam a vida de crianças, jovens e idosos, em aldeias abandonadas pelo Estado, no interior desse rico continente.

No Brasil, essa experiência reverberou em outros projetos, cujo compromisso central é dar tratamento pedagógico e metodológico às linguagens não alfabéticas como uma forma autêntica de elaboração e divulgação científica das diferentes áreas do conhecimento, e não apenas do relacionado às Artes, na Academia. Tarefa menos complexa a ser perseguida quando já aqui do outro lado do continente, onde também o português é a língua oficial e adotada diferentemente por uma grande quantidade de distintos povos brasileiros, outras experiências educacionais enfocando a linguagem visual e audiovisual já vêm ganhando corpo e força em disciplinas regulares e eletivas oferecidas a estudantes do ensino básico, em uma perspectiva teórica similar à adotada nas atividades extracurriculares realizadas com os jovens moçambicanos.

Na proposta de formação desenvolvida nas aldeias, a investigação científica buscava corroborar o resgate e a revitalização de culturas oralizadas que vêm sendo dizimadas pelo progresso predatório. Aqui, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, as atividades escolares eram uma extensão dos estudos realizados por um grupo de docentes do projeto de pesquisa intitulado *Arte, psicanálise e educação: os processos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância*, interessado nas representações da infância no cinema e seus possíveis desdobramentos no campo discursivo, principalmente no da educação. Vinculadas a esta pesquisa, as atividades incluíam a oferta semestral

de uma disciplina eletiva aos alunos do ensino médio, *História e Cinema*, ministrada em parceria pelos Departamentos de História e Multidisciplinar dos Anos Iniciais, e um projeto de extensão, *Sessão Corujinha*, incumbido de promover exposições, mostras e oficinas, a fim de educar o olhar dos estudantes e aproximá-los do universo da linguagem imagética, particularmente a do cinema.

Ao fim e ao cabo, os dois projetos de pesquisa se convergiam para um objetivo comum: a exploração de estéticas baseadas nas tecnologias da imagem e do som, para a inserção de elaborações acerca da vida, de modo a enriquecer a experiência de cada criança, jovem e adulto ao provocar, sugerir e (re)criar sua leitura de mundo, em diferentes linguagens. Assim, essas experiências que vinham sendo desenvolvidas com estudantes de ensino fundamental e médio foram estendidas à pós-graduação, em um programa de mestrado cujo público-alvo são professores de educação básica; e foi a partir desse encontro auspicioso que a disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual foi pensada, planejada e organizada teoricamente sob a ótica estruturalista de Saussure e de Lacan, em Freud, cujo fundamento linguístico se sustenta na compreensão de que toda e qualquer língua/linguagem adotada pelo ser humano (seja ela verbal, oral ou escrita, e não verbal, traduzida em imagem estática ou em movimento) só se presta a representar a realidade (do dia a dia e da academia) em seu aspecto simbólico, metaforonímico.

O algoritmo S/s (significante sobre significado), que inscreve o Signo e imprime à Linguística o *status* de ciência moderna, é atribuído a Saussure em publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* (1916), e Lacan, em *A instância da le-*

tra no inconsciente ou a razão depois de Freud (1957), realizando um movimento que é próprio da revolução científica, amplia o debate relativo à arbitrariedade do signo e impulsiona outros estudos sobre as ligações do significante e a extensão destas na gênese do significado:

Por essas vias (ato de nomeação e ensino de línguas pelo método concreto), as coisas não podem mais que demonstrar que nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação: o que toca, em última instância, na observação de que há língua existente à qual se coloque a questão de sua insuficiência para abranger o campo do significado, posto que atender a todas as necessidades é um efeito de sua existência como língua. Se formos discernir na linguagem a constituição do objeto, só poderemos constatar que ela se encontra no nível do conceito, bem diferente de qualquer nominativo, e que a *coisa*, evidentemente ao se reduzir ao nome, cinde-se no duplo raio divergente: o da causa em que ela encontrou abrigo em nossa língua e o do nada ao qual abandonou sua veste latina. (Lacan, 1998, p. 501).

Para a teoria linguística saussuriana, a língua/linguagem é uma estrutura em movimento, articulação e organização que apenas comparece em atos de escrita e de fala em formato de línguas/idiomas devido ao grau de imersão dos indivíduos nesse funcionamento. Isto implica dizer que a língua/linguagem é social, dinâmica e causa de sujeito, e não uma ferramenta criada, ordenada e controlada pelo ser humano

com vistas a comunicar. E, para implantar um recorte psicanalítico à discussão sobre esse “sujeito de/à linguagem”, é imprescindível que se tome em conta o seu conceito fundante, o “Inconsciente” (substantivo) descoberto por Freud, que coloca em xeque o ser humano “consciente” (adjetivo), aquele da objetividade, e que traz à cena o “sujeito do desejo”, aquele da subjetividade, da alteridade que o racionalismo moderno execrou.

Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que no seio mais consentido da minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita? Sua presença só pode ser compreendida num grau secundário da alteridade, que já o situa, a ele mesmo, numa posição de mediação em relação a meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o semelhante. Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro com letra maiúscula, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo do reconhecimento. Em outras palavras, esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como garantia da verdade em que ela subsiste. Nisso se observa que é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade. (Lacan, 1998, p. 528-529).

Enfim, partindo dessas referências teóricas, não parece coerente pensar que uma produção humana em escrita formal, acadêmica, científica possa ser fruto de um ato sem tropeços, conscientemente delineado, mas que seu produto, um trabalho de conclusão de ensino médio, uma monogra-

fia de especialização, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, pode muito bem ser apresentado, avaliado, defendido, aprovado e, enfim, publicizado, de forma também legítima, genuína, por meio de outras linguagens, como as visual, audiovisual, tátil, de sinais e outras. Afinal, se há sujeitos com e sem deficiências que não se valem exclusivamente da fala ou da escrita alfabética para veicular suas ideias, argumentações e elaborações, e que lançam mão dessas outras linguagens para interagir no mundo, torna-se imperioso perguntar: como garantir o direito inalienável de todo ser humano de participar, criar e usufruir do conhecimento científico, integrando-se também à Academia, por meio do ingresso efetivo em escolas de educação básica e em cursos de graduação e pós-graduação?

Para alguns, talvez a discordância em relação a esta argumentação no que se refere às linguagens visuais e audiovisuais seja devida ao fato de a investigação científica exigir um método científico sistemático, submetido a rigorosas etapas de observação, identificação do problema, investigação, análise e elaboração fundamentada em evidências. Mas estas também são, segundo Barthes (2004), as características que podem definir o processo de produção literária; o que nos parece suficiente para inferir que também essas constatações podem ser estendidas a todos os campos das artes, incluídas aí a experiência estética visual e audiovisual. Para o autor:

A literatura tem todos os caracteres secundários da ciência, quer dizer, todos os atributos que não a definem. Seus conteúdos são aqueles mesmos da ciência: não há, por certo, uma úni-

ca matéria científica que não tenha sido, em algum momento, tratada pela literatura universal: o mundo da obra é um mundo total onde todo o saber (social, psicológico, histórico) tem cabimento, de modo que a literatura tem para nós essa grande unidade cosmogônica de que fruíam os antigos gregos, mas que nos é hoje recusada pelo estado parcelar da nossa ciência. Além disso, como a ciência, a literatura é metódica: tem os seus programas de pesquisa, que variam conforme a escola e conforme as épocas (como aliás os da ciência), as suas regras de investigação, por vezes mesmo suas pretensões experimentais. Como a ciência, a literatura tem a sua moral, certa maneira de extrair, da imagem que ela se propõe do seu próprio ser, as regras do seu fazer e de submeter, conseqüentemente, os seus empreendimentos a certo espírito de absoluto. Um último traço une a ciência e a literatura, mas esse laço é também aquele que as separa mais certamente do que qualquer outra diferença: as duas são discurso (o que bem exprimia a ideia de logos antigo), mas a linguagem que a ambas constitui, a ciência e a literatura não a assumem, ou, se preferirem, não a professam da mesma maneira. (Barthes, 2004, p. 4).

Tal como exposto, o método de criação literária autoral parte da mesma premissa que o de produção científica em outros campos do conhecimento, ou seja, ambos obedecem a uma regra universal: baseiam-se em evidências empíricas que não se curvam a postulados teóricos e não se reduzem a meros simulacros da realidade; o que, no caso da literatura,

implica tomar uma ideia, uma história e transcrevê-la em uma sequência de argumentos coesos e coerentes, de forma criativa e original, que estejam sustentados em premissas lógicas, ainda que ficcionais, dependendo do gênero.

Da mesma forma, a criação de uma obra visual ou audiovisual, para ser autoral, exige planejamentos que não prescindem de uma investigação minuciosa, um estudo criterioso sobre o que já está estabelecido a respeito do assunto, e quais e de que forma novos elementos podem trazer uma ressignificação à questão. Para tanto, tal como em um projeto científico, um passo a passo minucioso deve ser planejado, ou seja, há de se ter um roteiro inicial que embora não seja determinista nem irreversível contenha: a formulação de um problema, isto é, um recorte temático entre os vários possíveis sobre o assunto escolhido; uma hipótese de trabalho, em outras palavras, uma forma de abordar a questão que reflita a relação do produtor/autor com o tema, o seu posicionamento frente a ele; a definição de objetivos gerais e específicos que incidirá na seleção dos argumentos, materiais, recursos, formatos, linguagens, personagens etc. essenciais às cenas fotográficas e/ou filmicas que comporão os emaranhados que darão sustentação à trama central.

Enfim, o seu valor estético e o reconhecimento de sua reputação artística são baseados no uso ético dos materiais e métodos de captação e exibição, e só podem ser alcançados quando o seu produto se manifesta de forma singular e se apresenta configurado em traços universais compostos de elementos espaciais e temporais que impermeabilizam a transitoriedade e a repetibilidade. A esta faculdade estética Benjamin (1993) reputa o termo “aura”:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. E nessa existência única, e somente nela, que se desdobra à história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. Os vestígios das primeiras só podem ser investigados por análises químicas ou físicas, irrealizáveis na reprodução; os vestígios das segundas são o objeto de uma tradição, cuja reconstituição precisa partir do lugar em que se achava o original. O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. A esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica. (Benjamin, 1993, p. 167, grifos do autor).

Assim, com base nesses construtos sobre linguagem, sujeito e imagem, o plano de ensino da disciplina Produção Científica Visual e Audiovisual foi organizado, tendo como ementa: *A pesquisa científica e o produto educacional no mestrado profissional. A linguagem visual/audiovisual como problematização da realidade, manifestação de ideias e elaboração de conhecimento. A captação e a montagem de imagens visuais /audiovisuais*. E, nas próximas seções, primeiramente, será apresentado e problematizado o arcabouço teórico-metodo-

lógico que orienta o desenvolvimento da disciplina, cujo objetivo central é possibilitar aos estudantes experienciar novas percepções e reações frente a aparelhos técnicos cada vez mais presentes no cotidiano; e, para finalizar, será feita uma descrição sucinta dos curtas produzidos por eles durante o curso, com a explícita intenção de fazer com que os aparelhos técnicos desse nosso tempo cumpram apenas *o papel de objeto das inervações humanas*. (Benjamin 1993, p. 174).

Psicanálise, Cinema e Ensino

Na contemporaneidade, dar tratamento teórico-metodológico à observação, análise e veiculação da imagem com estudantes e professores de Educação Básica parece ser premente, haja vista sua presença maciça na sociedade moderna. Com o avanço tecnológico, os dispositivos de captação, de memória e de partilha estão mais acessíveis às pessoas de todas as idades e têm tido um papel relevante na condução de suas vidas. Se antes o acesso à informação ocorria basicamente pelos livros, cinema e TV, atualmente não é difícil encontrar um adolescente, e até mesmo uma criança e um idoso, acessando conteúdos imagéticos pelo celular, computador e outras ferramentas digitais, para fins de entretenimento e/ou de formação.

Segundo uma pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação da Unesco, cerca de 85% de crianças e jovens brasileiros na faixa etária entre 9 e 17 anos de idade utilizam as tecnologias

contemporâneas de informação e comunicação; destes, 83% assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries, 76% pesquisaram na Internet para fazer trabalhos escolares, 68% baixaram músicas e filmes e 59 % usaram as redes sociais. Por outro lado, a despeito de o mundo das imagens estar presente em basicamente todos os espaços, é imprescindível lembrar que ainda existem crianças e jovens sem ingresso a essas tecnologias, e que precisam obter condições de acesso aos dispositivos e conteúdos imagéticos, para que possam participar efetivamente de suas benesses. Em recente pesquisa, esse número foi de aproximadamente 4,8 milhões de crianças e adolescentes na faixa entre 9 e 17 anos, correspondendo a um total de 17% excluídos, conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef - TIC Kids Online 2019).

Observando esses números, fica evidente, ainda, a necessidade de se colocar em pauta alguns questionamentos sobre esse mundo cercado de imagens, sejam elas estáticas e/ou em movimento, com e/ou sem áudio, frutos de muitas experiências que começaram, como diz Benjamin (1993), a partir de um amplo e crescente processo histórico, desde a criação da xilografia na Idade Média, passando pela litografia, pela fotografia, pelo cinema e, na contemporaneidade, como observado, expandindo-se para o campo digital. Afinal, que imagens estão sendo defendidas ao se insistir para estudar, produzir e/ou partilhar produções científicas em linguagem visual e audiovisual, por meio de pesquisas, projetos e disciplinas acadêmicas?

No caso da disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual, o esboço teórico-metodológico aqui apresentado e problematizado vem sendo construído aos

poucos, ou seja, a cada ano e a cada nova turma as obras referenciais são revisadas, adequadas, atualizadas e outras são inseridas. Mas, neste ano, a opção foi ter uma base estrutural em torno do texto *Recordar, repetir e elaborar* (FREUD, 1996 [1911/1913]), por considerar que estabelece um fio condutor que une outros trabalhos freudianos sobre a representação, a repetição, o sonho, a lembrança, a fantasia, a criatividade e a elaboração, termos selecionados para desencadear a discussão sobre o processo de captação e veiculação de imagem, em ambientes formais de ensino na Educação Básica.

Vista sob o prisma teórico do Estruturalismo (SAUSSURE, 1986), como suscitado na seção anterior que tratou da língua/linguagem na perspectiva da linguística saussuriana ressignificada pela psicanálise freudiana/lacanianana, a imagem é um significante como outro qualquer, suas leis de composição são as mesmas que constituem as outras modalidades simbólicas, e cria alteridades, pois permite dizer/elaborar de uma outra forma. Essa indicação se alia a outras, resultantes das discussões realizadas por Rivera (2011) no livro *Cinema, imagem e psicanálise*, bem como no ensaio *Cascas*, de Didi-Huberman (2013), que além das entrevistas com estudiosos e/ou realizadores de fotografias e filmes, estende a imersão no mundo das imagens.

Em 1900, Freud apresenta o livro *A Interpretação dos Sonhos* (1996 [1900]), abordando a dinâmica do sonho e, nesse estudo, conforme Pontalis (1977), descobre a lógica de toda linguagem. Consegue apontar, por exemplo, que o sonho era uma atividade psíquica e constituía um discurso possível de ser interpretado; e que as imagens oníricas se articulavam pelas leis de condensação/cominação e deslocamento/se-

leção. Salientava, assim, a dimensão simbólica do sonho, correspondendo-o a qualquer outra forma sensível, às outras artes de modo geral, como a literatura, a música, a pintura etc. Segundo ele, o sonho é uma modalidade de representação e não pode ser confundido com a realidade material, é efeito do trabalho psíquico do Inconsciente:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. (Freud, 1986, p. 637).

Essa realidade psíquica, segundo afirma, opera à revelia da consciência e pode revelar desejos nem sempre considerados pelo sonhador. Nota-se que essa descrição menciona o trabalho mental envolvido no ato da construção de uma representação, sendo que a mesma ocorre submetida às experiências do sujeito, cujas representações estão subjugadas ao desejo e não obedecem a uma lógica temporal cronológica e objetiva. Não se estranha, portanto, a alusão de Freud (1996) do aparelho psíquico ao aparelho microscópico e/ou fotográfico para tentar ilustrar como ocorre a produção de representações; ele diz que aquilo que o dispositivo capta se forma entre uma lente e outra e não se situa em nenhum componente físico. O que se assemelha bem à perspectiva do fotógrafo brasileiro Walter Carvalho, ao tentar explicar como se produz a fotografia, já que, como prefere dizer, a imagem é feita na distância entre a câmera e o olho, por todo o sistema afetivo, emocional e intelectual que o constitui.

Tal como afirma em seu depoimento, na websérie Olhar Tv (2021): “é a linguagem”.

Outro texto de Freud que pode ser mencionado para discutir sobre imagem é, segundo Rivera (2006), o seu artigo *Lembranças encobridoras*, publicado em 1899. Nesse texto, Freud examina o motivo pelo qual algumas lembranças, aparentemente nítidas e não muito significativas, omitem e/ou encobrem outras fundamentais. Ele analisa que as lembranças encobridoras são produzidas como meio de defesa, inclusive, inconsciente do sujeito, para evitar conflitos. A partir de sua clínica, onde observa a recorrência de relatos de “recordações fragmentárias dos primeiros anos da infância” (1996 [1899], p. 287), nesse artigo Freud discute o funcionamento pelo qual as recordações tendem a colocar em primeiro plano eventos banais, desimportantes, deixando recordações de eventos relevantes, aparentemente, de lado:

Um dos casos mais simples é obviamente o que ocorre nas lembranças infantis que nos interessam aqui – isto é, o caso em que elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência. Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por contiguidade; ou examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo). (Freud, 1996, p. 291).

O deslocamento de uma lembrança para outra associada por contiguidade revela o mesmo funcionamento do so-

nho, pelas leis associativa (deslocamento) e combinatória (condensação). Se um conteúdo ideativo recalcado não pode emergir senão ao custo de um sofrimento psíquico, outro associado por contiguidade vem em seu lugar, encobrendo aquele conteúdo, sem eliminá-lo. Neste artigo, Freud traz um relato que parece ser de um paciente, mas, de acordo com os editores, trata-se de um material autobiográfico, em que ele fala ao analista de suas lembranças de infância, correspondentes ao segundo ou terceiro ano de vida. Ele afirma que tais lembranças, “em sua maioria, são cenas curtas, mas muito bem conservadas e providas de todos os detalhes da percepção sensorial, em completo contraste com minhas lembranças dos anos adultos, às quais falta inteiramente o elemento visual” (Idem, p. 293).

Freud conta ao analista que não tem nenhuma lembrança, nem direta nem indiretamente, de eventos que deveriam estar retidos em sua memória, tal como o acidente que provocou um ferimento no rosto causando considerável sangramento, cuja cicatriz ainda pode ser sentida. Por outro lado, uma cena longa, composta de vários quadros, ficou retida em sua memória. Em suas próprias palavras: “A cena me parece bastante irrelevante, e não posso compreender por que se fixou em minha memória” (Idem, p. 294). Em resumo, o relato de Freud trata da recordação de uma pradaria com acentuado declive, onde há um grande número de flores amarelas. No alto há uma casa diante da qual duas mulheres conversam. Três crianças brincam, sendo Freud uma delas. Estão colhendo flores amarelas. A menina tem o ramo mais bonito, motivo pelo qual Freud e o primo tomam-lhe a flor. A menina corre, em lágrimas, em direção a uma das mulheres e recebe

um pedaço de pão, em seguida os outros dois meninos também recebem o pão.

Ao estranhamento sentido por Freud quando recorda desse evento, segundo ele sem qualquer relevância, acrescentam-se dois elementos perceptivos, um visual outro olfativo, que parecem não se integrar à narrativa por aparecerem em excesso: “O amarelo das flores é um elemento desproporcionalmente destacado na situação como um todo, e o gosto saboroso do pão me parece exagerado de maneira quase alucinatória” (Idem, p. 294). São justamente os traços perceptivos sentidos como estranhamente destacados (nas duas acepções do termo: separados e salientes) que indicam os vestígios do desejo. O próprio paciente, Freud, relaciona a cena, acima resumida, a outras lembranças, tornando possível interpretar os dois traços perceptivos que encenam seu desejo: o sabor do pão liga-se a sua luta “pelo pão de cada dia”, e tirar as flores de um amarelo intenso da menina significa “deflorá-la”.

Tânia Rivera, em seu livro “Cinema, imagem e Psicanálise” (2008), faz uma composição a partir da detalhada descrição feita por Freud da cena acima resumida, intercalando frases utilizadas em roteiros de cinema, como: “Travelling da pradaria, acompanhando a inclinação do terreno. Zoom acentuado sobre a flor amarela, dente-de-leão, até que se granule a imagem num amarelo impossível” (RIVERA, 2008, p. 47). O objetivo de Rivera ao intercalar tais frases é demonstrar o potencial fílmico dessa recordação de infância. Segundo afirma, “a lembrança encobridora é uma espécie de cena cinematográfica. Seu princípio fundamental é o do ci-

nema: a montagem” (Idem, p. 47); e acrescenta à lembrança descrita por Freud:

O amarelo da flor e o gosto do pão são rebus, são escritas pictóricas, são imagens-significantes que ancoram uma encenação mítica da própria constituição do sujeito, entre fome e amor, ao mesmo tempo velando e deixando entrever o recalcado. A lembrança encobridora é uma espécie de fotografia, ou melhor, de curta-metragem da infância: ela inscreve, de forma imagética-narrativa, ou seja, deslocada, recortada, enquadrada, montada, o essencial na constituição do sujeito. (Rivera, 2008, p. 49).

No trabalho *Escritores criativos e devaneio* (1996 [1908]), publicado pela primeira vez em sua versão completa em 1908, Freud questiona a respeito das fontes de onde o escritor criativo retira o material com o qual compõe sua obra, que despertam no leitor emoções insuspeitas. Na busca por entender de onde provém a criatividade do escritor, Freud vai situar os primeiros traços criativos na infância, na “ocupação favorita e mais intensa da criança”: o brinquedo ou os jogos (Freud, 1996, p. 135). A brincadeira seria assim o embrião da criatividade ou, em suas palavras, da fantasia do artista. Tanto o brincar quanto o fantasiar não se confundem com a realidade.

O que diferencia o brincar do fantasiar é o fato de que, ao brincar, a criança “liga seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real” (Idem, p. 135), conexão que não é feita no fantasiar. A ausência dessa conexão pode ser entendida pelo fato de que o escritor criativo já

passou por diversas experiências que se sobrepõem, se sobredeterminam. A criança, ao brincar, muitas vezes encena situações diretamente ligadas a uma experiência inédita e imediata, por isto Freud especifica a ligação do brincar aos objetos e situações ligadas “às coisas visíveis e tangíveis do mundo real” (Idem, p. 135).

A resposta à questão colocada inicialmente por Freud, a respeito da fonte de onde o escritor criativo retira seu material que desperta tanta emoção nos leitores, não será buscada de modo aprofundado, pois ele formulou tal questão como mote para atingir seu interesse principal com este artigo, qual seja, o exame das fantasias. Dizer que o fantasiar tem seu embrião no brincar explica-se pelo fato de que, ao crescer, as pessoas param de brincar, o que significa que, aparentemente, renunciaram ao prazer daí advindo (obtido na brincadeira). Freud, porém, nos informa sobre um fundamento da mente humana:

[...] nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais, em vez de *brincar*, ela agora *fantasia* (Idem, p. 136, grifo do autor).

O que determina tanto o brincar quanto o fantasiar é o desejo. O brincar, porém, é determinado por um único desejo: “o desejo de ser grande e adulto” e ela não oculta esse dese-

jo dos adultos: “A criança está sempre brincando ‘de adulto’, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo” (Idem, p. 137). A criança faz uma montagem de eventos retirados das experiências efetivamente vividas ou narrados pelos adultos, irmãos mais velhos etc. e encenam essa montagem em suas brincadeiras. Ainda que a criança não brinque diante do adulto, ser observada por eles não é uma preocupação.

Já os desejos que impulsionam a fantasia do adulto não são confessáveis, primeiro por supor que dele se espera que não continue nem a brincar nem a fantasiar, ou seja, que na condição de adulto, ele atue no mundo real, segundo por envergonhar-se por suas fantasias “serem infantis e proibidas” (Idem, p. 137). Um conflito aí se instala, pois a fantasia no adulto, por um lado, insiste em dar a ver o desejo que a impulsiona, o que produziria prazer ao sujeito, por outro lado, resiste em desvelar esse desejo, pois a isto sobrevém um desprazer. Neste conflito entre o que insiste e o que resiste, o psiquismo humano faz mover recordações de experiências passadas que são atualizadas a partir de eventos presentes, projetando para satisfações futuras. Todo esse movimento temporal não linear tem como finalidade recuperar algo de uma satisfação já vivida sem revelar o desejo que a causa.

Freud formula a hipótese de que o escritor criativo se serve dessa manobra temporal para burlar as tensões provocadas pelo conflito entre o que causaria prazer e desprazer. O escritor criativo parece ser bastante eficaz em sua técnica criativa, usando de astúcia para se libertar e libertar seus leitores das tensões: “Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natu-

reza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes” (Idem, p. 142-143). As recordações realizam um movimento análogo ao das fantasias. Para evitar desprazer, o psiquismo arranja um modo em que as recordações mais importantes (e que causam maior sofrimento ao serem recordadas) se deslocam para e se condensam em outras irrelevantes, a fim de que as primeiras emergjam de modo disfarçado, encoberto pelas segundas.

A maioria das referências feitas aos sonhos, às recordações, às fantasias e à criatividade está ligada à formação de “imagem mnêmica” das cenas, que operam como o cinema, tal como afirma o filósofo francês Jacques Rancière ao tratar da impossível captura da realidade pela imagem. Para ele, o cinema é um conjunto de operações, de “relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o após, a causa e o efeito” (*apud* Rivera, 2008, p. 49). A imagem, portanto, que tentamos estudar, produzir e partilhar, nas produções visuais e audiovisuais, passa por essa discussão sobre o recordar, o repetir e o elaborar, constituindo o campo da imagem na imbricação entre passado, presente e futuro, como efeito das representações psíquicas no jogo entre esses três tempos. Freud diz:

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria

então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança. Dessa forma, o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une. (Freud, 1996 [1908], p. 138).

Nesta citação, mais uma vez, ressoa o desejo organizando as representações das experiências de um sujeito, seja em qualquer campo: do sonho, da memória, da fantasia, da criatividade, de uma elaboração no simbólico. São traços, impressões, vestígios, indícios e fragmentos de um trabalho psíquico intenso e constituído por e pela linguagem. Essa dimensão assinalada por Freud reverbera no ensaio de Didi-Huberman (2013) intitulado *Cascas*, no qual compartilha a experiência de visita ao Museu de Auschwitz-Birkenau, que antes ele só havia tido acesso pela fotografia. Durante a visita, fica atento aos vestígios daquela experiência do Holocausto e reflete sobre a necessidade de se tentar narrar algo sobre ela, ainda que seja impossível falar e sentir tudo o que se viveu ali. Assim como outros visitantes, fez algumas imagens e após vê-las, já em casa, constatou que “elas são o que algumas aparas de casca de árvore são para um único tronco: lascas de pele, carne germinando” (Didi-Huberman, 2013, p. 133).

O complexo trabalho do sonho, da memória, da fantasia, da criatividade, de uma elaboração resulta de uma sofisticada montagem empreendida pelo psiquismo que se serve de fragmentos perceptivos capturados de experiências, como um instantâneo fotográfico, que ao ser enquadrado deixou restos e vestígios de fora. Integrados a uma cadeia significativa, que pode ser constituída pelo olhar, pelo gesto, pelo toque ou por

uma fala - dos pais, irmãos mais velhos e do próprio sujeito, no caso do relato de um sonho, esses fragmentos são montados de modo a adquirir uma “fachada racional e inteligível” (Freud, 1996 [1900], p. 564), alocando o sujeito em uma narrativa, desde onde ele possa se contar e contar a sua história.

A questão colocada inicialmente a respeito da urgência de se pensar a imagem na contemporaneidade, especificamente no ambiente escolar, cuja presença se intensificou com o avanço tecnológico dos dispositivos de captação, de memória e de partilha digitais, leva novamente ao livro de Rivera “Cinema, imagem e psicanálise” (2008). Em sua introdução, Rivera interroga sobre a previsão feita pela psicanalista Lou Andreas-Salomé, em 1913, quanto ao promissor entrelaçamento do cinema com a psicanálise, dois campos “rigorosamente contemporâneos” (Rivera, 2008, p. 11), o qual o cinema se torna um domínio cultural privilegiado para se refletir sobre o sujeito: “Será mesmo o cinema, como sucessão de imagens, análogo ao funcionamento psíquico?”. E conclui: “Somos sujeitos cinematográficos” (Idem, p. 10).

Inspiração, Admiração e Criação

Como explicitado no esboço teórico-metodológico da seção anterior, a proposta da disciplina Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual vai ao encontro da previsão feita por Andreas-Salomé no século passado, da eminente probabilidade de diálogo entre a psicanálise e o cinema, e propõe o estudo de alguns conceitos psicanalíticos advindos da descoberta e descrição de Freud do funcionamento do

Inconsciente, com o objetivo de compreender como se dá o processo de observação, captação e criação imagética, já que este se estrutura como o de toda e qualquer linguagem.

A apreensão desses construtos científicos, ou seja, o acesso a estes conhecimentos sistematizados não tem por finalidade a instrumentalização do indivíduo na aplicabilidade de técnicas de reprodução; outrossim, objetivam a ampliação do olhar do sujeito sobre as evidências, corroborando a sensibilização de sua percepção sobre como a história pode ser testemunhada de forma ética e estética, com vistas a provocar estranhamento, desconforto e reação combatente a ideias pré-concebidas e naturalizadas.

Os curtas-metragens descritos a seguir são frutos desse exercício de busca pelo rompimento de amarras sociais embotadas pelas padronizações de comportamento disseminadas pelos próprios aparelhos eletrônicos; e pela apropriação desses recursos tecnológicos como forma de potencializar a veiculação dos bens culturais e o acesso de todos às benesses do mundo digital. Durante o processo, cooperativamente, os criadores se acautelaram contra as armadilhas da reprodutibilidade técnica, evitando a linearidade monótona das narrativas enquadradas em simulacros de imagens miméticas; e a insensibilidade étnica e estética que engessa a alteridade e invisibiliza povos e culturas.

Enfim, essa experientiação oportunizou a todos os participantes da disciplina debruçar teórica e empiricamente sobre as produções dos colegas e, com isso, “ad-mirar” testemunhos singulares que escancaram histórias universais, das quais os efeitos provocam questionamentos e convocam à transformação.

Um cineasta digno desse nome não é aquele que faz seu filme principalmente para dizer o que ele tem a dizer sobre tal assunto, mesmo se o assunto é crucial. O verdadeiro cineasta é “trabalhado” por sua questão – que seu filme, por sua vez, trabalha. É alguém para quem filmar não é buscar a tradução em imagens de ideias das quais está seguro, mas alguém que busca e pensa no ato mesmo de fazer o filme. (Bergala,1988, p. 48).

CURTAS – 2019

1. **Curta as histórias**, de Weslania Evangelista de Jesus, professora na Escola Municipal José Luiz Bittencourt. Coletânea de curtas, criados em parceria com seus alunos do 5º ano do ensino fundamental, que narra e ressignifica as memórias de vida de crianças em diferentes situações familiares e escolares. É parte do material produzido durante a pesquisa e escrita de dissertação do Mestrado em Ensino na Educação Básica, defendido em 2020.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=LO8e4DhXuck>

2. **Nosso olhar**, de Élide Ferreira, professora no Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata (Corae). Nesse curta-documentário, a voz e a imagem pertencem aos alunos com deficiência intelectual matriculados no Corae, para que possam narrar suas histórias escolares. Mestranda no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: <https://youtu.be/uhwdY7iy-g4>

3. **Ela é... Ela**, de Gilvana Maria Machado, professora na Escola do Futuro de Goiás em Artes Basileu França. Protagonizado por uma aluna de teatro, a princípio resistente a todas as atividades oferecidas pela escola, o curta narra sua preparação e apresentação atuando brilhantemente como um cangaceiro. Mestranda no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: https://youtu.be/-iOf7_olBrs

4. **O lixo não se faz sozinho**, de Denízia Rosa Ferreira Alves, professora no Colégio Olavo Bilac. Curta-documentário produzido por alunos do ensino médio, com o objetivo de alertar sobre as consequências nefastas da produção ilimitada de lixo, e denunciar a falta de respeito contra catadores de rejeitos na cidade. Mestranda no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Wjh8XI3aWSw>

5. **A jaqueta**, de Maria Zilma Ferreira Santos, professora no Colégio Estadual Professor Gervásio Santana Dourado. Instigante depoimento de jovens em situação de vulnerabilidade social que, a despeito do calor, usam jaquetas na escola, para esconder o autoflagelo provocado pela melancolia, angústia e solidão juvenil. Mestranda no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=N8CND5QIg80>

CURTAS - 2020

1. **Sem sinal**, de Iracy Maria Rodrigues, professora na Escola Municipal Raimundo Coelho dos Santos; Janaina de Carvalho Neto, professora na Escola Municipal Pedro Xavier

Teixeira; e Mariusa Alves Sartin, professora no Colégio Estadual Polivalente Prof. Goiany Prates, no Centro de Reabilitação São Paulo Apóstolo (CRESPA) e no Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata (CORAE). O curta denuncia a falta de recursos tecnológicos e a impossibilidade de acesso às redes virtuais de alunos e professores de escolas públicas brasileiras. A primeira autora é aluna especial e as demais são mestrandas regulares no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: <https://youtu.be/9oCGa7DKw3U>

2. Luedji, de Lara Fogaça dos Santos, professora na Escola Interamérica; Wanderley José de Faria, professor no Colégio Estadual Villa Lobos e no Colégio Agostiniano; Júlio César Bueno Pimentel, licenciando em Letras- Português na UFG. Narrativa poética abordando questões étnico-raciais, tomando como mote inspirador a história de vida de mulheres pretas. Os dois primeiros autores são mestrandos regulares no PPGEEB/Cepae/UFG e o terceiro é graduando em estágio supervisionado obrigatório, no Cepae/UFG.

Link: <https://youtu.be/e-SQuQR-bng>

3. Noé das artes, de Deyzylany Ferreira Neves, estudante; Edson Barbosa, professor no Colégio Estadual Severina Maria de Jesus; e Fernanda Bueno, professora no Colégio Desafio. Documentário sobre um Centro de Arte e seu idealizador, que problematiza o processo de aprender, mas não de ensinar, a produção criativa e estética das artes. As duas autoras são mestrandas regulares no PPGEEB/Cepae/UFG e ele é aluno especial no PPGEEB/Cepae/UFG.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=gvn-FuIH0o8>

4. **Reinventar**, de Élide Ferreira, professora no Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata (CORAE); Lucas Soares da Silva Filho, professor na Escola Estadual Irmã Angélica, no Colégio Estadual Professor Gervásio Santana Dourado e no Colégio Dimensão; Patrícia Maria Jesus da Silva, professora na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira; e Victor Matheus Marinho Dutra, bacharelado em Terapia Ocupacional na Universidade Estadual do Pará. Com sutileza e estética o curta ironiza a situação de perjúrio a que professores e alunos de escolas públicas brasileiras são submetidos na modalidade de ensino híbrido, durante o período da pandemia da Covid-19. A primeira autora é mestranda regular no PPGEEB/Cepae/UFG; o segundo é aluno especial no PPGEEB/Cepae/UFG; a terceira é mestre pelo PPGEEB/Cepae (2019); e o quarto é aluno especial no PPGEEB/Cepae/UFG.
Link: <https://youtu.be/9rt9LUVSVTQ>

5. **A submissão das mulheres às redes sociais**, de Isabella Pimentel Sousa, aluna do 1º ano do Ensino Médio no Cepae/UFG; e Vitória Geovanna Lemos de Araujo, licencianda em Letras-Português na UFG. Curta-denúncia sobre a padronização da beleza feminina em redes sociais e as consequências dessa perversa submissão que levam a enfermidades psicossociais, a doenças letais e ao suicídio. A primeira é secundarista em processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Ensino Médio (Tcem/Cepae/UFG) e a segunda é graduanda em estágio supervisionado obrigatório no Cepae/UFG.
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=e3xjNz2kDnA>

Do empreendimento cinematográfico acadêmico de 2019 surgiram outras produções visuais e audiovisuais que não estão descritas neste volume, mas que podem ser acessadas nas diferentes publicações escritas e/ou filmadas, disponíveis nas abas dos Anais e dos Diálogos Abertos, na página virtual do Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! - FNEEB. (Link: <http://forumescolaparatodos.com.br/>).

A este texto que inaugura o volume VI da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! coube apenas mencionar de forma bastante sucinta algumas características destes dez curtas. Essas produções, cujos reflexos imagéticos em movimento trazem a marca inspiradora do grande legado deixado pelo educador e humanista Paulo Freire, poderão ser apreciadas com mais detalhes nos demais textos que compõem esta obra, que vêm acompanhados de uma apresentação sinóptica escrita por seus próprios criadores.

Referências

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense. 1993.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead-lise –FE/UFRJ: 1988.

CARVALHO, Walter. Websérie Olhar Tv. <https://www.youtube.com/watch?v=Bq-tH4Yxp-U>. Acesso em: 13 maio 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO – Cetic.br. TIC Kids Online Brasil. Cetic.br, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

DIDI-HUBERMAN, DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Tradução de André Telles. **Serrote: Uma Revista de Ensaio**s, Artes Visuais, Ideias e Literatura, São Paulo, n. 13, p. 99-133, 2 mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREUD, Sigmund. (1899) Lembranças encobridoras. In: **Obras completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 3.

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. In: **Obras completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 4 e 5.

FREUD, Sigmund. (1908 [1907]) Escritores criativos e devaneio. In: **Obras completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 135-148, v. 9.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 496-536.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

RIVERA, Tania. Cinema e pulsão: sobre irreversível, trauma e imagem. In: **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 18, n. 1, p. 71-76, jan./jun. 2006.

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CURTAS- METRAGENS

2019



<https://www.youtube.com/watch?v=LO8e4DhXuck>

CURTA AS HISTÓRIAS

CRÉDITOS

Direção

Estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B., com o apoio da Profa. Weslania Evangelista.

Roteiro

Estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B., com o apoio da Profa. Weslania Evangelista.

Fotografia

Estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B., com o apoio da Profa. Weslania Evangelista.

Montagem/Edição

Estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B., com o apoio da Profa. Weslania Evangelista.

Entrevistados

Estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B.

Pesquisa

Weslania Evangelista.

Agradecimentos

Celma Arruda (diretora em exercício/2019).

Estudantes da Escola Municipal José Luiz Bittencourt (turma do 5º “A” matutino/2019).

Secretaria Municipal de Educação e Lazer de Goianira (na pessoa da Secretária Eliete).

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Coorientação

Profa. Dra. Cléidna Landivar Lima

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2019

CURTA AS HISTÓRIAS

Weslania Evangelista de Jesus - Escola Municipal José Luiz Bittencourt ¹

“Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (Paulo Freire, 1986).

Contextualização

A coletânea Curta as histórias partiu do desejo de constituir contextos de interação e de interligação entre os conteúdos didáticos ensinados pela escola com os saberes reais dos estudantes, buscando compreender de que maneira se aproximam e se relacionam, enriquecendo e dando significado ao processo de aprendizagem, visando valorizar as experiências subjetivas através das narrativas de memórias de vida em sala de aula, oportunizando a eles o direito de se expressarem, pois de acordo com Freire (1986) a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo e isso possibilita aprender a ler, a escrever a alfabetizar-se de forma

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu PGEEB-Cepae/UFG. E-mail: weslaniaevangelsita@outlook.com.

a compreender o seu contexto numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Respeitar o outro e sua história de vida, nesse contexto, foi fundamental, pois não partilhávamos dos mesmos saberes, as histórias e cultura de vida eram diversificadas, dentre outros aspectos, e como professora precisei estar em constante movimento articulando junto aos educandos essa constituição do respeito ao outro. Foi através dos estudos e práticas significativas de Freire que fui construindo todo o processo de desenvolvimentos da coletânea dos curtas.

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade. (Freire, 1996, p. 135).

Não pude deixar de oportunizar, através do processo de desenvolvimento da coletânea, uma prática educativa – democrática, progressiva, provocando os educandos a constituírem sua autonomia em relação ao processo de aprendizagem, superando uma visão tradicionalista e bancária para um ensino colaborativo e integral.

A proposta de trabalho da coletânea composto de curtas-metragens teve a sua criação, organização e realização em vídeos digitais curtos, com aproximadamente 15 minutos, que fossem de baixíssimo custo e oportunizassem aos estu-

dantes do 5º ano “A” dos anos iniciais da rede municipal de Goianira produzi-los com estética cinematográfica. Busquei suporte para o desenvolvimento dos vídeos nos estudos de Moletta (2009). Em seu livro o autor explica de maneira clara o passo a passo de como produzir um curta-metragem, retrata como devem ser as etapas da produção, as funções de cada participante da equipe, os diversos cronogramas a serem considerados no vídeo produção, dentre vários outros aspectos relevantes.

Na atualidade os recursos audiovisuais possibilitam uma linguagem informal voltada à comunicação, que conduz o indivíduo à reflexão e conseqüentemente a expressar subjetivamente a arte cinematográfica. Portanto, pode estabelecer diversas relações que fazem o homem pensar em si, nas suas atitudes, podendo transformar as diversas verdades existentes, por isso a educação deve ser voltada a uma prática constante e concreta de libertação, de reflexão e construção da história (Freire, 2003) contribuindo, assim, para uma aprendizagem significativa. Hoje isso se torna possível através do cinema que é algo acessível a todos, principalmente com o surgimento cada vez mais veloz de equipamentos tecnológicos portáteis de captação de imagens, como o uso do aparelho celular, que possibilita a gravação de vídeos e sua edição em tempo real e sua disseminação coletiva, uma ferramenta a mais para o processo de ensino.

O desejo aqui em produzir a coletânea composta de curtas-metragens foi o de possibilitar um acesso democrático aos estudantes das redes municipais de ensino que abrangem os anos iniciais, motivando-os a também embarcarem nessa jornada de produzir cinema a partir de suas vivên-

cias reais, utilizando uma linguagem simples, viabilizando a acessibilidade à produção que esteja ao alcance de todos. Sendo assim criam-se meios a partir dessa nova linguagem para a constituição de novas aprendizagens, que para (Benjamin, 1994, p. 187) apresenta-se inventada pelos homens com a técnica de captação e reprodução da realidade:

Assim, a descrição cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa que a pictórica, porque ela lhe oferece o que temos direito de exigir da arte: um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos no âmago da realidade.

Roteiro

O primeiro passo para a produção foi escolher as ideias que iriam constituir a coletânea composta de curtas-metragens, ou seja, as experiências apresentadas pelos estudantes da turma do 5º ano “A”, através das narrativas de memórias selecionadas. Assim foram iniciados os exercícios referentes à produção da coletânea composta de curtas-metragens, tendo como premissa a criatividade artística das crianças, os equipamentos audiovisuais acessíveis ao coletivo, como celulares e notebook.

Após a seleção das narrativas de memórias escolhidas, o coletivo passou a pensar em como produzir um bom filme,

mantendo a preocupação em como escrever um roteiro que fosse significativo e realmente pudesse ser desenvolvido; como seriam as fotografias, os espaços e os tempos, já que a escolha inicial foi realizar uma animação em *stop motion* com poucos recursos financeiros, preconizando a essência da relação da câmera com as histórias e seus personagens, ou seja, um cinema com mais realidade, que expressasse a poética da infância. Como ensina Moletta (1994, p. 18):

Um curta pode mostrar os últimos dez minutos de uma personagem (ou dez minutos antes de ele tomar uma decisão importante); não importa em que momento o personagem vive, importa apenas que esse breve momento seja intenso e difícil, que ele esteja passando por um momento de crise pessoal ou social. O curta também pode mostrar o conflito de dez anos na vida de um personagem, pontuando os momentos mais significativos de seu drama pessoal, mais ainda serão dez anos de sofrimento em dez minutos de vídeo.

Dessa maneira, passamos ao segundo passo na produção da coletânea composta de curtas-metragens, que se constituiu na criação do roteiro, aproveitando tudo que estava escrito e havia sido discutido através das narrativas de memórias, selecionadas pelos estudantes. Conforme Freire (2003), a retomada de fatos ligados à memória pode contribuir e anteceder o ato de ler, possibilitando ao sujeito uma aprendizagem significativa. Começamos a pensar se a história seria impactante, como um drama ou talvez como uma comédia, dentre outros gêneros. Mas o que queríamos atingir como

ponto principal era a subjetividade do público que assistisse aos vídeos, podendo acarretar transformações na maneira de os indivíduos interagirem e se expressarem, constituindo várias redes de relações, de forma que pudessem sentir as coisas através dos sentidos, conhecendo algumas realidades e constituindo outras. Afinal, como diz Benjamim (1994, p. 194), “a recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado”.

Buscando facilitar o processo, retomei as noções sobre os conceitos de roteiro que já haviam sido discutidas em outras aulas. A produção do roteiro tem a função de nortear a gravação ou sequência de fotografias das histórias que iriam ser reproduzidas em vídeo, de maneira a facilitar o trabalho e o objetivo alcançado. Os roteiros elaborados tiveram como ênfase o diálogo entre as histórias reais em suas diversas situações vivenciadas e rememoradas pelos estudantes em suas narrativas de memórias de vida. Procurei, enquanto professora da turma e pesquisadora, um exercício amoroso, com uma postura que pudesse provocá-los a serem sujeitos pesquisadores, constituidores de seus próprios conhecimentos, respeitando, assim, a autonomia dos educandos e suas respectivas diversidades.

Sendo assim, Silva (2016) refere-se ao cinema como movimentos da memória, sendo ele a representação do real, em diálogo visual, a partir das possibilidades que apreendem a linguagem da realidade, demonstrando as diversas e complexas relações dos seres humanos com o mundo e por vezes se mantém vivas em suas memórias. Portanto,

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, [...]. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva [...]. Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (Freire, 1996, p. 30).

Nesse sentido foram se constituindo outros exercícios visando à produção dos roteiros. Numa outra aula o coletivo socializou as narrativas de memórias produzidas, de maneira que todos tivessem acesso e pudessem contribuir com sugestões para a constituição da coletânea composta de curtas-metragens. Orientei os estudantes para que fizessem a leitura de todas as narrativas de memórias produzidas de forma coletiva, considerando que já haviam realizado uma leitura individual prévia, e assim escolhessem algumas dessas narrativas para compor a coletânea de curtas-metragens. Dessa forma, os estudantes foram realizando a leitura e escolhendo algumas, até chegar a optarem por cinco dessas narrativas. Tais narrativas constituíram a ideia, ou seja, a imagem ou a inspiração geradora para a construção dos roteiros.

Em continuidade ao exercício, organizei-os em cinco grupos, cada um ficou responsável por elaborar o roteiro de uma das histórias. Sendo assim, nesse momento iriam construir a estrutura da história para o roteiro. Então, eles foram orienta-

dos a pensarem na estrutura das imagens, constituindo cenas passo a passo de uma história que valesse a pena ser contada.

O exercício foi árduo, foram vários dias para se chegar ao objetivo, mas se constituiu em um momento prazeroso, colaborativo, todos se sentiram motivados a buscar informações e participar do trabalho, que trouxe consigo a ampliação de conhecimentos diversos. Estruturar bem a história antes de contá-la aos demais é fundamental, tanto para quem assiste como para quem conta (Moletta, 2009).

Outro ponto que mereceu atenção durante a reflexão da produção do roteiro foi pensar além da estrutura das imagens, o personagem, como seria representado na obra, suas características, suas ações, mantendo-se fiel às produções das narrativas de memórias de vida contadas pelos estudantes. Isso mereceu um estudo acerca de cada personagem, delineando sua trajetória na história e sua caminhada até chegar ao seu desfecho.

É preciso que se conheçam as funções dos personagens na obra cinematográfica. Pensar a constituição do personagem é pensar em suas expressões subjetivas, como medo, dúvida, coragem, angústia, alegria, raiva, força, fraquezas. Portanto, pensar o personagem exige humanidade de quem o produz, considerando que todas as ações que o reproduziriam partiriam de elementos contados por meio das narrativas de memórias escritas e que seriam reproduzidas através do audiovisual. Não tem como escrever um roteiro sem pensar nas construções das imagens e nas ações de seus personagens.

Depois de algumas informações repassadas à turma do 5º ano “A”, propus que iniciassem o processo de construção dos roteiros, ainda organizados em cinco grupos, cada um com

uma das histórias. O exercício foi pensar nos seguintes aspectos: enredo – a maneira como iria ser contada a história; argumento – o desenvolvimento do enredo, algo mais detalhado, composto de elementos da história e dos personagens, bem como a composição do ambiente e as diversas situações; escaleta – uma pré-formatação do roteiro, determinando a quantidade de cenas necessárias para a transmissão das ações dos personagens e a composição da história completa (Moletta, 2009).

Construir o roteiro serviu para um direcionamento das gravações/fotografias da história através de recursos audiovisuais. Colaborou para que os estudantes tivessem uma ideia de como ficaria o filme pronto, as informações que iriam ser repassadas e como seriam. Um processo construído coletivamente, com possibilidades de questionamentos do mundo, pois o cinema é arte que leva o indivíduo a refletir. Ressalto que os roteiros escritos sofreram alterações durante o decorrer das gravações/das fotografias e durante as edições dos vídeos, pois não são considerados como obras fechadas. Sempre estive por perto, orientando-os durante todo o processo. Essa etapa levou dois meses (segundo semestre de 2019) para ser constituída, muitas leituras e reflexões foram necessárias para que se alcançasse um resultado aproximado das produções contadas pelos estudantes em suas memórias de vida. Dessa maneira, para Freire (1996, p. 41),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-

-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Nesse contexto, em vários instantes percebi o quanto as intersubjetividades se mantinham interligadas constituindo redes de relações que aproximavam diversas realidades e ao mesmo tempo se distanciavam pela complexidade em aceitar a verdade dita pelo outro.

Direção

Depois da criação do roteiro, o próximo passo foi a escolha de um diretor, a parte mais sensível na produção da coletânea composta de curtas-metragens. Com os cinco grupos já organizados e cada um deles com o roteiro em mãos, orientei para que escolhessem alguém no grupo para que fosse o(a) diretor(a). Expliquei ainda que para ser diretor a criança deveria ser flexível, saber ouvir os demais colegas, analisar as cenas, as fotografias, opinar e, o principal, saber que o curta-metragem é de todos, que pertence ao grupo. Assim, depois de muito diálogo, cada grupo escolheu seu(sua) diretor(a).

Nessa perspectiva ressalttei que o diretor deveria estar atento ao roteiro e pensá-lo em imagens, de forma que depois, na sequência, pudessem fotografar. Para isso, não apenas o(a) diretor(a) deveria ter um olhar artístico. Em continuidade entreguei a cada grupo lápis de escrever, lápis de colorir, canetinhas coloridas, canetas, giz de cera, papel

sulfite, papel cartão, papel cartolina, fita crepe, cola branca, dentre outros materiais, para que iniciassem os desenhos construindo as cenas das histórias. Deixei esse momento sob a responsabilidade de cada diretor(a).

A primeira tentativa, em relação aos desenhos, deixou a desejar, pois haviam desenhado apenas a história, deixando de detalhar melhor os movimentos dos personagens e as cenas. Então expliquei como eles deveriam ser, comentei que para uma cena haveria, por exemplo, o mesmo personagem desenhado várias vezes, demonstrando diversas expressões faciais e/ou corporais, como uma caminhada, quando as pernas e braços fazem movimentos aleatórios. Demonstrei um exemplo através de um desenho que elaborei para que entendessem melhor e dessa vez percebi que haviam compreendido.

Retomamos o exercício em outras aulas até todos os grupos conseguirem construir todos os desenhos das cenas que iriam ser fotografadas. Essa etapa levou vários dias da semana no mês de outubro e início de novembro do ano de 2019.

Com o(a) diretor(a) escolhido(a), os roteiros em mão, os cinco grupos organizados e as animações desenhadas detalhadamente, era o momento de partirmos para outra etapa. Eles, de acordo com as potencialidades individuais, dividiram as tarefas, que se mantiveram, na arte de fotografar, de editar, de narrar oralmente, dentre outras. No decorrer do processo fui realizando pequenas intervenções com a finalidade de auxiliá-los, portanto, nesse momento, apresentei-lhes noções resumidas.

Sobre a linguagem de direção, adotei os conceitos apresentados por Moletta (2009) de: decupagem técnica – a escolha de imagens adequadas para as palavras ou frases de um

roteiro; corte – momento que limita o início e o fim de uma ação da imagem, o que permite passar, interromper uma ação, para apresentar outra; sequências – conjunto de ações que sucedem uma após a outra, em ambientes diferentes, mas sempre relacionadas ao mesmo tema; cenas – ações que ocorrem no mesmo lugar, demarcado por início, meio e fim; tomadas – menores unidades de ação de cada cena, gravadas sem corte; plano – um plano mostra a área em que a ação vai ocorrer; dentre outros.

Na sequência, apresentei o conceito de Storyboard, que, de acordo com Moletta (2009), é basicamente uma história em quadrinhos, uma referência visual no que se refere a planos, ângulos de câmera, dimensões e proporções do objeto da imagem, ou seja, um verdadeiro rascunho da cena. Depois das informações, apresentei para produzir a coletânea dos curtas-metragens o aplicativo *Stop Motion Studio*, disponível para celulares, gratuitamente. Através dele é possível ir fotografando as cenas na sequência, de acordo com o objetivo proposto, o próprio aplicativo capta as imagens fotografadas, movimentando-as numa gravação contínua.

Fotografia

Em outros dias, realizamos momentos para fotografar as cenas, o que aconteceu no próprio ambiente escolar, depois fizemos edição das imagens. Sempre busquei orientá-los na perspectiva em que eles se sentissem à vontade para usufruírem de suas potencialidades. Esses momentos exigiram de

todos colaboração e responsabilidade, o que a princípio não foi fácil, por diversas vezes tive que intervir nos grupos para que não se dispersassem e se concentrassem no exercício que estava sendo construído.

A arte de fotografar é algo fundamental na obra audiovisual. Sua estética chama atenção para a ideia, a mensagem ou emoção que se deseja transmitir em relação à história, seu contexto e seus personagens, possibilitando a quem os observa um novo olhar num novo contexto. Por isso Silva (2016) cita que através dessa arte é possível que os sujeitos históricos se reconheçam em tramas e dramas que nos humanizam e nos colocam em tempos e espaços coletivos da existência humana, o que possibilita criatividade diversas e o compartilhamento de experiências históricas.

Apresentei ao grupo, resumidamente, a linguagem fotográfica, antecedendo o exercício prático que iriam realizar para a construção da coletânea composta de curtas-metragens. Sendo assim, reportei o conceito de enquadramento – que significa enquadrar um ou mais objetos em um quadro; composição – que é o ato de eliminar da imagem aquilo que não é importante mostrar; dimensão e proporção – permite avaliar o tamanho, a largura de um objeto; luz, sombra e volume – a base do vídeo, do cinema é a captação de luz e sombra dos objetos; dentre outros.

Depois de apresentar tais noções referentes à linguagem fotográfica, os estudantes passaram a realizar através do aplicativo *Stop Motion Studio* as fotografias necessárias à construção da coletânea dos curtas-metragens. As fotografias foram tiradas dos celulares que emprestei aos grupos.

Conforme iam fotografando, junto a cada grupo eu analisava as fotografias, as composições das cenas, fazendo interferências quando necessário, e assim os estudantes faziam correções ou adequações. Terminada essa fase, em que cada conjunto das narrativas de memórias foram fotografadas e transformadas em vídeo, foi o momento de editar os vídeos e finalizá-los.

Montagem e Finalização

Nesse momento orientei que passassem para um único celular todos os vídeos, para que eu pudesse acompanhar a montagem e finalização deles de maneira mais detalhada, com maior atenção. Assim o fizeram. No decorrer da semana, já em meados do fim de novembro de 2019, busquei estar com grupos separadamente, assistindo e analisando cada vídeo. Em parceria com os integrantes de cada grupo, fomos editando os vídeos, para isso utilizamos outro aplicativo, denominado *Editor de Vídeo – Música, Cortar, Sem Cortar, Imagem...*, que também pode ser baixado gratuitamente em qualquer celular.

Nesse momento, os estudantes puderam editar o tempo, realizar os cortes necessários, melhorar a cor das imagens, organizar o tempo do vídeo, gravar as narrações, dentre vários outros aspectos. Esse aplicativo possibilitou várias ações para a finalização da construção da coletânea composta de curtas-metragens com as narrativas de memórias dos estudantes da turma do 5º ano “A”.

Fazer cinema ou vídeo não é simplesmente escrever uma boa ação dramática e captar a imagem na cena, é preciso também editá-la e montá-la com coerência e sensibilidade – inserir efeitos sonoros, compor uma trilha musical, trabalhar o som direto, escolher a melhor transição de uma imagem para outra e a melhor montagem das ações, encontrar efeitos para aumentar a dramaticidade e mudar o ritmo geral de uma cena etc. [...]. Uma boa montagem é aquela que consegue extrair a emoção do espectador em cada corte e mantê-lo preso à história e à narrativa. (Moletta, 2009, p. 112).

A coletânea composta de curtas-metragens buscou produzir filmes constituídos por crianças para que outras crianças assistam às narrativas que trazem a poética da infância, da rememoração de suas lembranças e percebam que a “leitura” do mundo, antecede a leitura da palavra, que ambas caminham interconectadas no processo de ensino.

Desde o começo, na prática democrática e crítica a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizando e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador. (Freire, 2003, p. 29).

Nesse contexto, com o trabalho quase concluído, de criação, produção e finalização da coletânea composta de curtas-metragens, estes foram gravados em vídeo com aproxi-

madamente 15 minutos, objetivando serem ofertados às escolas municipais que possuem os anos iniciais, apresentando o resultado do esforço coletivo dos estudantes da turma do 5º ano “A” da E. M. J. L. B. de Goianira, bem como se encontra disponível no site a seguir <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/571784>. A coletânea composta de curtas-metragens é uma síntese que apresenta narrativas de memórias de alguns deles, suas lembranças experimentadas, vividas e que foram reproduzidas num projeto audiovisual.

Os estudantes foram levados a refletirem sobre a vida, acerca da maneira de agir no mundo, a pensar as diversas complexidades existentes na realidade, cada vez mais instáveis e decorrentes das diversas formas do ser humano se relacionar, pensar, de suas intersubjetividades. O que para Capra (2014) tem a ver com a maneira de se ver e pensar sobre a vida, de contribuir para ações que melhorem a qualidade de vida, um contínuo dar à luz ao mundo por meio de um processo de viver. Enfim, é dizer com o autor que as interações de seres vivos com seus ambientes, suas histórias e seus semelhantes possibilitam interações cognitivas, pois o processo de viver é um processo cognitivo que propicia mudanças estruturais, nas quais a aprendizagem e o desenvolvimento de ações estão interligados.

Sinopses

O menino brincalhão: A história de um menino que, mesmo com vários momentos de sofrimentos e superações, tem uma promessa que a avó fez a ser cumprida.

Minha história, meu mundo: Uma menina recorda e relata o seu convívio com a família e alguns momentos vivenciados juntos.

A história de Isa: Ter um bebezinho chegando à família requer mudanças, planejamentos e preparativos para recebê-lo. A chegada de uma irmã mais nova muda os hábitos e a rotina da casa. No início a chegada da irmã se torna uma situação turbulenta para a filha primogênita, mas ter contato com a irmã no dia do nascimento e os preparativos para a festa de um ano colaboram para os sentimentos se transformarem, dando um novo sentido para a vida da família.

Quem sou?: A história de uma criança do sexo feminino que relata fatos marcantes de sua personalidade e faz referências sobre como os outros a veem.

Surpresa!: Uma menina conta coisas que a deixam feliz, dentre essas coisas está uma festa de aniversário surpresa.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPRA, Frijot. **A visão sistêmica da vida:** uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas;

Tradução Mayara Teurya Eichenberg, Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 45. ed. São Paulo, Cortez, 2003.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

SILVA, Adriana A. **A infância no cinema**: estética, políticas e poéticas. **Crítica Educativa**, Sorocaba, SP, v. 2, n. 2, p. 74-89, jul./dez. 2016.



**NOSSO
OLHAR**

**"Inclusão é sair das escolas dos diferentes e
promover a escola das diferenças".**

Mantovan

<https://youtu.be/uhwdY7iy-g4>

NOSSO OLHAR

CRÉDITOS

Roteiro e Direção

Élida Ferreira

Fotografia/Captação das Imagens:

Dênison Barbosa Machado (Aluno)

Kauã Leles Moraes Santos (Aluno)

Kennedy Gabriel Silva Costa (Aluno)

Ana Paula Mendes da Costa

Élida Ferreira

Som (música):

Sons do ambiente e vozes dos entrevistados.

Montagem/Edição:

Élida Ferreira e Alessandro Ricardo da Silva

Entrevistados:

Danilo Dutra de Sousa

Débora Cristina Silveira

Ednilson Benício dos Santos Júnior

Kauã Leles Moraes Santos

Kennedy Gabriel Silva Costa

Agradecimentos às pessoas que ajudaram (direta ou indiretamente):

Ao Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata – CORAE

Presidente: Paulo Roberto Massi

Diretora Financeira: Lieni Lourdes Porta Pereira

Diretora Social: Leonília Porta Cattini

Diretora de Cultura Ensino e Comunicações: Leontina Sisterolli Alencar

Diretora Pedagógica: Márcia Adriane de Paula Gomes

Aos Educandos e Suas Famílias

Aos Professores

Aos Monitores

E a todos os envolvidos neste projeto

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2019

NOSSO OLHAR

Élida Ferreira - Rede Municipal de Ensino/Goiânia¹

“É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.” (Paulo Freire, 2019).

O vídeo pretende apresentar a escola de ensino especial sob o olhar do aluno com deficiência (Deficiências Múltiplas, Intelectual e Síndrome de Down), com idades variando entre 12 a 30 anos.

Para Mantoan (2007, p.45), a exclusão de pessoas com deficiências passa pela segregação nas escolas e/ou classes especiais, onde o fracasso dos grupos minoritários é velado, para o oferecimento de uma escola que seja para todos!

Não pretendemos fazer um vídeo sobre as pessoas com deficiência, mas com elas, a história será contada por elas: Como percebem, veem e interagem no espaço escolar? Quais são as aulas que frequentam? Qual a rotina? Para que serve a escola? Do que gostam, ou não gostam? Vamos ouvi-los.

Como diria Rubem Alves, vamos promover a escutatória desses alunos, oportunizar a eles sair do lugar de expectadores e passar para o papel principal. Eles serão os protago-

¹ Mestranda em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG). Licenciada em Pedagogia (UFG). E-mail: elida.ped@gmail.com

nistas da ação, participarão ativamente de cada etapa com a colaboração dos professores.

Como professor, [...] meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. (Freire, 2019, p. 68).

A intenção será construir um caminho que leve a autonomia desses estudantes, nesse processo de produção de um curta-metragem, utilizando suas ideias, a captação do material, os depoimentos e a etapa de seleção dos materiais capturados.

Nosso objetivo é a produção de um curta-metragem realizado com a participação dos educandos com deficiência em todas as suas etapas: preparação, roteiro, captação de material audiovisual e sua seleção, apenas a etapa da edição ficará a cargo de um profissional da área.

Ao longo dos anos foram realizados diversos vídeos na instituição a fim de promover o trabalho realizado, porém o olhar era de fora para dentro, de alguém que tenta capturar a essência do que acontece ali, mas as vozes eram dos fundadores, das famílias e dos profissionais que ali trabalham.

O curta “O nosso olhar” quer proporcionar ao expectador a visão dos educandos com deficiência, suas vozes, seus sonhos, seus anseios, suas capacidades e seu modo de enxergar a escola.

ELEIÇÃO E DESCRIÇÃO DO(S) OBJETO(S):

Cadeira de Rodas e Carteira Escolar: Elementos utilizados na escola para caracterizar um ambiente escolar. A carteira escolar simbolizando a escola para todos, onde todos podem aprender com suas singularidades e diferenças, e o seu contraponto, a cadeira de rodas, simbolizando a pessoa com deficiência, a escola de ensino especial que é a escola daqueles que de algum modo não puderam, ou não quiseram estar no espaço da escola regular.

Personagens Reais: Os Educandos com diagnósticos de Deficiências Múltiplas, Síndromes, entre outras, oriundos da periferia da região metropolitana de Goiânia (Goiânia, Aparecida, Trindade, Goianira e Senador Canedo), com idades entre 12 e 30 anos, cursando Alfabetização / Letramento, no turno matutino e vespertino, de uma escola municipal de ensino especializado, localizada no setor Bueno, Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata - CORAE.

As Famílias, Professores, Cuidadores e Equipe administrativa (merenda e limpeza);

Sala de Aula: Apresentação do ambiente, dos personagens que fazem parte desse lugar, dos materiais e das estratégias que são utilizados para o ensino e a aprendizagem.

Expressão Corporal: Nesse espaço trabalham o corpo e suas possibilidades, treinamento funcional, teatro e principalmente a dança como instrumento de expressão corporal e facilitadora da legitimação das possibilidades e capacidades dos educandos com deficiência. Ao longo do ano eles participam de várias coreografias, se apresentam em vários eventos em Goiânia e ao final do ano realizam um espetáculo de en-

cerramento, em que o público é sempre constituído de seus familiares, amigos e a comunidade escolar como um todo.

Natação Adaptada: No meio líquido eles experimentam um espaço de liberdade dos movimentos para quem não pode se locomover com autonomia, desenvolvem a seu modo estratégias para se deslocar, respirar e, enfim, nadar.

Sala de Arte: Aqui se trabalha com propostas principalmente das artes plásticas: artesanato, tapeçaria, modelagem, pintura e trabalhos com materiais reciclados, exercitando a criatividade, a transformação e a apreciação do belo.

Sala de Atividades de Vida Autônoma e Social - AVAS (Culinária e Horta): Nesse espaço tem-se uma cozinha pedagógica onde os alunos preparam alimentos saudáveis. Participam também do cultivo da Horta, onde têm a oportunidade de preparar a terra, plantar, cuidar e colher. Alguns dos vegetais são utilizados também na preparação de pratos na cozinha pedagógica;

Refeitório: Nesse espaço cada um se alimenta à sua maneira, alguns com ajuda e outros com autonomia;

Recreio: Momento de integração de todas as turmas, alguns ouvem música, outros jogam bola, conversam, brincam e as vezes brigam

ELEIÇÃO E JUSTIFICATIVA PARA A(S) ESTRATÉGIA(S) DE ABORDAGEM

Modalidades de entrevista: faremos entrevistas subjetivas com alguns alunos com o tema principal: a escola, porém caso surjam outros temas que contribuam para a nossa com-

preensão sobre como eles veem essa realidade, deixaremos que fluam

Modalidades de relação da câmera com os personagens reais: filmaremos na maioria das vezes com celulares em movimento, porém não será plano sequência, uma vez que serão os próprios alunos a captarem as imagens; para as entrevistas utilizaremos um tripé para que o celular fique estabilizado e foque o rosto do entrevistado.

SUGESTÃO DE ESTRUTURA

NOSSO OLHAR

PRÉ-ROTEIRO: Élide Ferreira

Versão de outubro de 2019

SEQUÊNCIA 1 - AS CADEIRAS

Uma cadeira de rodas vazia

Uma carteira de sala de aula vazia também

A câmera enquadra cada cadeira de vários ângulos.

SEQUÊNCIA 2 - OS ALUNOS

Cenas filmadas pelos alunos da Escola de Ensino Especial:

- Salas de Aulas - Diferentes Aulas (Artes, Atividades de Vida Autônoma e Social - AVAS, Natação, Expressão Corporal, Sala de Vídeo, etc.)

- Lanche
- Intervalo / Recreio

SEQUÊNCIA 3 - DEPOIMENTOS

Câmera parada em close no rosto de cada aluno. Escolheremos alguns alunos. Os alunos responderão às seguintes perguntas:

1. Para que serve a escola?
2. Você já estudou em outra escola? Por que saiu ou mudou de escola?
3. Na sua escola os professores trabalham juntos com projetos?
4. Tem alguém com deficiência na sua sala? Na sua escola?
5. O professor regente tem sintonia com o cuidador?
6. Vocês fazem trabalhos em grupo?
7. Quando algum colega não consegue fazer a atividade, o que você faz?
8. O grupo de alunos exclui alguém por algum motivo?
9. Quando tem algum conflito, como é resolvido?

SEQUÊNCIA 4 - AS CADEIRAS

Dessa vez a cadeira de rodas estará lado a lado com as cadeiras escolares, vazias e depois com alunos em aula.

Finalizando com o seguinte texto em legenda e narração:

“A Constituição Federal de 1988: em seu artigo 205 define a **educação** como um direito de todos, que garante o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho e estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola como um princípio”.

Referências

DOC TV BRASIL IV. Oficina para formatação de projetos. Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/bqa2dmzz69ajss4/AABH2NnkVm_g6p147HO27kq9a?d=0Agrade%C3%A7o&lst=&preview=1_Manual_doctv.pdf. Acesso em: 30 dez. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 60. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2019.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. IV e V, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér Mantoan. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MESQUITA, Deise. & FILLETI-MOURA, Elisandra. PPGEEB/Cepae/UFG: cinco anos de pesquisa e formação profissional em nível *stricto sensu*. In: MESQUITA, D. (org.). **Cepae/UFG: 50 anos de história**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 179-209. DOC TV.

TV ESCOLA. Oficina de Produção de Vídeos. Disponível em: http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf. Acesso em: 30 dez. 2018.

FILMOGRAFIA / VIDEOGRAFIA

A Mãe dos Netos, de Isabel Noronha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwV0TVKQOnA>. Acesso em: 30 dez. 2018.

Caminhando com Tintim, de Genifer Gerhardt e Tiago Expinho, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em: 11 jan. 2019.

O Silêncio da Mulher, de Gabriel Mondlane. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hXKA_cesqEE. Acesso em: 30 dez. 2018.

O vale da desigualdade. Kaio Régis e Gabriel Rodrigues. (Acervo particular).

Da invisibilidade à cidadania: os caminhos da pessoa com deficiência. Disponível em: https://youtu.be/Ye0MQmZJS_s. Acesso em: 02 nov. 2019.



ELA É...



ELA



https://youtu.be/-i0f7_olBrs

ELA É... ELA

CRÉDITOS

Direção e Roteiro

Gilvana Machado

Fotografia

Gilvana Machado

Maressa Stephany

Alexandre Guimarães

Paulo Victor Ferreira

Som (música)

Bovi – The grand affair

Sunshine Samba - Homeboud

Montagem/Edição

Gilvana Machado e Caio

Entrevistada

Yasmin Xavier

Agradecimentos às pessoas que ajudaram (direta ou indiretamente)

À Yasmin Xavier e seus familiares, pela confiança. Aos professores, alunos/atores, atores convidados e toda equipe do Espetáculo Auto do Frade, pela colaboração. À EFG em Artes Basileu França e à coordenação da área de teatro.

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2019

ELA É... ELA

Gilvana Maria Machado - Escola do Futuro de Goiás em Artes Basileu França¹

Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (Paulo Freire, 1987).

O reconhecimento e a valorização das diferenças têm se tornado cada vez mais um direito incondicional e um dever de todos na sociedade contemporânea. É dever das instituições de ensino transformar suas práticas e políticas de modo a oferecer igualdade de oportunidades e valorizar os saberes de cada ser humano, apostando na potencialidade de cada sujeito. A realização do curta Ela é... Ela, nesse contexto, teve como objetivo ressaltar como os sujeitos alcançam outro lugar de existência quando têm oportunidade.

O curta enfoca a trajetória de uma aluna dentro do componente Prática de Montagem, no qual fui professora, dentro do curso de Formação Inicial e Continuada em Interpretação

¹ Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica em andamento pelo Cepae/UFG. Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar. Pós-Graduação Lato Sensu em Docência Superior Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: gil.gmm@hotmail.com.

Teatral (FICIT) do ITEGO em Artes Basileu França, hoje Escola do Futuro de Goiás em Artes Basileu França.

O enredo é constituído a partir da fala da aluna sobre suas dificuldades sociais, familiares, escolares, seu contato com a arte, suas divas, seus sonhos e sobre a sensação de montar um espetáculo e estar no palco junto com os demais colegas.

A composição da narrativa traz trechos imagéticos e sonoros da apresentação do espetáculo, dos ensaios, dos bastidores e da entrevista realizada com a aluna.

Antes da realização do curta, mas já ingressa no componente curricular Prática de montagem, esta aluna, em particular, chamou muito a atenção pela “recusa” em realizar a maioria dos exercícios práticos propostos. Por quê? Afinal, ela havia se matriculado em um curso que não fazia parte da educação obrigatória, portanto, se estava ali, certamente era porque desejava. Onde estava, então, a sua potencialidade? Como provocá-la à experimentação e motivá-la a compartilhar com os colegas o espaço do palco?

Acreditando na escola como um lugar de possibilidades, nosso desafio consistiu em criar estratégias que abrissem espaço para que ela pudesse manifestar seus anseios e necessidades, garantindo igualdade e respeito as suas particularidades.

Na busca por criar condições para garantir seu acesso tanto ao conhecimento teatral quanto ao relativo à sua função social, a aposta foi no diálogo por entender que, ao ser colocado na centralidade da relação com o outro, os sujeitos são valorizados pelo que são.

Uma pedagogia dialógica sempre foi aposta de Freire (1987; 1997) para a libertação, criação e transformação do su-

jeito, da aprendizagem e da sociedade para que esta se torne mais igualitária. Ao pronunciar acerca das práticas dialógicas, elementos como o amor, a humildade, a fé, a confiança, a esperança, a criatividade, a democracia e o silêncio são colocados como ações das pessoas que se envolvem em conjunto.

De acordo com esse autor, somente quem ama se compromete com o mundo, com o outro, com os homens e, onde há amor, não cabe arrogância, exclusão do diferente, ideias de que conhecimento é de sujeitos seletos, ignorância, hierarquia e nem donos da verdade, mas, sim, reconhecimento de que todas as pessoas têm algo a contribuir, são capazes, sem se sobreporem umas às outras.

É neste sentido que se entende a realidade como processo que pode ser feito, criado e recriado, nos impulsionando a acreditar, a apostar e a confiar no outro, que hoje pode estar neste estágio e amanhã em outro, dependendo somente de espaços para exercer sua potencialidade, suas percepções e visão de mundo, contribuindo com a produção do saber, humanizando-se.

Nesta prática relacional dialógica, a democracia se instaura, pois passamos a acreditar que o outro tem sempre algo a nos ensinar e a contribuir com a construção do conhecimento, mesmo aquele considerado “menos capacitado”. Assim, somos capazes de nos pronunciar, refletir e silenciar como foi a *práxis* de Freire (1987; 1997) ao abrimo-nos para ouvir todos que, de uma forma ou de outra, estavam ligados ao seu espaço de atuação.

Para Freire (1997) o diálogo só acontece quando todos têm o direito de fala e, para alguém exercer esse direito, “eu” preciso me silenciar para escutar.

E foi à custa de ouvir discurso assim que aprendi que, para o(a) educador(a) progressista não há outro caminho senão assunto o “momento” do educando, partir de seu “aqui” e de seu “agora”, somente como ultrapassa, em termos críticos, com ele, sua “ingenuidade”. Não faz mal repetir que respeitar sua ingenuidade, sem sorrisos irônicos ou perguntas maldosas, não significa dever o educador se acomodar a seu nível de leitura do mundo (FREIRE, 1997, p. 23).

A partir deste entendimento, passei a dialogar e a escutar todos os envolvidos na relação de montagem do espetáculo. Criava oportunidade de escuta da turma de como eles se viam e viam seus colegas no processo, suas dificuldades, comportamentos ou quais possibilidades de práticas acreditavam ser experiências oportunas para todos. E explicava que pedir ajuda, observar e ouvir a opinião dos colegas não era vergonhoso, ao contrário, digno de quem quer aprender a partir das diferentes perspectivas. Ao final de cada conversa sempre afirmava que ninguém “podia ficar para trás”, sendo uma responsabilidade coletiva encontrar soluções para que todos sentissem o desejo de entrar no “jogo” do teatro.

E tão importante quanto as falas dos colegas foi abrir-me à escuta da aluna sobre o porquê de ela não querer executar as propostas em sala, sobre seus sentimentos, inseguranças e por que acreditava se sentir daquela maneira. Foi gerado, assim, um processo de confiança, possibilitando a ela a “pronúncia das palavras” que nos permitiu (colegas de montagem e eu) criar espaços para seu posicionamento e contribuição com o grupo, gerando um sentimento de pertencimento, de

criação coletiva e acarretando, conseqüentemente, uma mudança de comportamento.

Sempre foi da minha prática criar um clima de colaboração para o entendimento de que teatro (ou qualquer processo que envolva mais de uma pessoa) se faz juntos, em grupo, a partir da colaboração de todos os envolvidos: quando eu acredito que não sei, aprendo com o outro, quando acredito que já possuo o conhecimento, eu compartilho, e quando eu vejo alguém ficando para trás, estendo a mão. A energia do espetáculo só é bonita se for coletiva, pois se alguém “brilha mais” que o outro, ofuscando-o, a “magia” não acontece.

A partir destas colocações, acreditamos que entender como sujeitos alcançam outro lugar de existência quando têm oportunidades, nos inspira a acreditar em novas possibilidades pedagógicas transformadoras no processo de ensinar e aprender. Esperamos que a experiência relatada no curta possa nos mover para que consigamos nos despir de certezas e que estas, por sua vez, possam ser preenchidas por visões ampliadas a respeito de uma nova educação e prática pedagógica.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



**O Lixo
não se
faz
sozinho**

<https://www.youtube.com/watch?v=Wjh8XI3aWSw>

O LIXO NÃO SE FAZ SOZINHO

CRÉDITOS

Direção

Anna Júlia da Silva Góes e Rafael Fonseca Reis

Roteiro

Estefane Pereira Morais e Vitória Salvanir da Silva

Fotografia

Vitória Salvanir da Silva

Som (música)

instrumental de domínio público

Montagem/Edição:

Vitória Salvanir da Silva e Rafael Fonseca Reis

Entrevistados:

Não desejaram ser identificados

Agradecimentos à direção do Colégio Olavo Bilac,
professores e alunos.

Orientação escolar

Profa. Denízia Rosa Ferreira Alves

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2019

O LIXO NÃO SE FAZ SOZINHO

Denízia Rosa Ferreira Alves – SEEGO/SMEGO¹

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas. (Paulo Freire, 1996)

Que impacto pode ter o leitor ao se deparar com um trabalho elaborado a partir da ótica sensível de um grupo de alunos que, cientes de seu papel de sujeitos da produção de sua inteligência do mundo – e não apenas de recebedores –, vai muito além daquilo que, normalmente, se espera do chamado “trabalho escolar”?

Por meio de uma proposta feita por esta professora, em sala de aula, para que os educandos pudessem, como um todo, buscar e experimentar o resultado de um trabalho pautado no ensino colaborativo, no qual todos são agentes ativos, foram produzidos 23 curtas, sendo este aqui apresentado como amostra do acervo, obtido do esforço de toda a equipe

1 Professora concursada na Rede Estadual de Ensino (GO) e Rede Municipal de Ensino (Goiânia-GO). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica – PPGEEB/Cepae/UFG. E-mail: deniziarosa@gmail.com.

empenhada em fazer não apenas mais uma “tarefa escolar”, mas participar de um projeto em que todos são *arquitetos* de sua própria prática cognoscitiva (Freire, 1996, p. 121).

Inicialmente, faz-se necessária uma breve explicação da aplicação do ensino colaborativo entre os educandos e, por certo, da resposta afirmativa que cada um deles tem dado a esta proposta.

Desde o início de nossa pesquisa e sua aplicação na sala de aula, tivemos, como objetivo primordial, a ideia de que o ensino colaborativo para uma educação para todos não admite, ou não comporta, a classificação ou a rotulação de nossos alunos de acordo com características pessoais que, aos olhos dos outros, poderiam ser algo negativo, sem chances de acrescentar algo positivo no resultado de qualquer trabalho.

O ensino colaborativo não admite a rotulação de sujeitos, pois considera o valor individual de cada pessoa e procura ressaltar não apenas o resultado que ela pode trazer, mas o relevante fato de ela ser, simplesmente, parte no corpo. E, como tal, agregar seu valor e disponibilizar ao grupo um talento que, muitas vezes, nem ela mesma reconhece.

O valor individual de cada aluno resultou no sucesso coletivo, pois houve uma resposta vinda da parte deles de total aceitação do trabalho colaborativo.

E cabe ao professor assumir a função de mestre sim, mas sem monopolizar a fala, haja vista que, no processo de ensino e aprendizagem que abraçamos, colaborativo, visando a uma educação para todos, o professor também aprende com seus alunos, e estes também sempre têm algo a nos ensinar. Pensamento este comungado pelo eminente pedagogo Paulo Freire.

[...] “É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (Freire, 1996, p. 25).

Essa posição de Freire é uma demonstração da quebra de paradigma ensinada por Vasconcellos, que empreendemos também em nossa prática de ensino colaborativo, tendo nossos alunos como participantes ativos, indivíduos que, em suas diferenças como partes fundamentais, compõem o todo (Vasconcellos, 2006).

E foi como agentes, participantes ativos e transformadores de realidades, que os educandos se organizaram em grupos para colocar em prática a produção de seus curtas.

Todos os agentes envolvidos em uma produção desta natureza foram representados de maneira ativa e intensa, com emoção, entusiasmo e alegria, como bem nos ensina o mestre Paulo Freire, ao demonstrar que alegria e esperança são requisitos essenciais do ofício de ensinar.

No projeto de produção dos curtas, alunos com idades entre 15 e 18 anos, estudantes do ensino médio no Colégio Estadual Olavo Bilac, em Goiânia, reuniram-se para, a partir da experiência de cada um, ou ao menos da maioria, haja vista a semelhança do perfil sociocultural, faixa etária e situação financeira de todos os envolvidos, produzir curtas nos quais pudessem não apenas “entreter a plateia”, mas instigar o de-

bate sobre os mais diversos temas e assuntos que fazem parte, de uma forma ou de outra, da vida de cada um deles.

Cada um dos grupos cuidou do que poderíamos chamar de mapeamento de funções para a produção dos curtas. Desde a elaboração do enredo, organização do cenário, preparação dos atores, trilha sonora, escolha de locação, participação de convidados de fora do círculo da escola, arrecadação de patrocínio, em alguns casos, para produção de vestimentas e montagem de ambientes etc., houve um envolvimento surpreendente em que cada um dos educandos, de fato, demonstrou sua “capacidade de arriscar-se, de aventurar-se” contra o poder apassivador do “bancaísmo”, demonstrando uma repentina capacidade de ir “além de seus condicionantes” (Freire, 2021, p. 27).

Entre os diversos temas abordados nos curtas, destacam-se *bullying* na gravidez, o uso de drogas na adolescência, a corrupção na vida diária das pessoas, o abuso sexual, o vandalismo e suas consequências na vida dos cidadãos, o assédio nas escolas, o consumismo, visando à consciência nas compras, a importâncias das faixas de pedestres, a influência digital no mundo dos jovens, a poluição e os seus problemas derivados, o feminicídio, a homofobia, o ecossistema, a desigualdade social, a pichação nos centros urbanos e a importância da reciclagem dos produtos descartados nas cidades.

Uma experiência marcante e comum em todo o processo de escolha de temas na preparação dos curtas foi a autonomia desenvolvida aos poucos pelos alunos. Como bem nos ensina o mestre Paulo Freire: “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (Freire, 1996, p. 105).

No processo empreendido pelos alunos, houve várias tentativas, erros, acertos, buscas por melhorar o que aparentemente já se encontrava acabado, frustrações, muitas vezes medo e insegurança em se expor. Mas tudo isso foi altamente positivo, pois, por meio de cada experiência, houve uma sensação de crescimento pessoal na vida de cada um dos educandos envolvidos e, igualmente, na vida da professora coordenadora do projeto, que assumia a posição de alguém que fala *com* os educandos, e não simplesmente *neles* deposita seus comunicados. (Freire, 1996, p. 120).

Foi uma experiência que marcou, portanto, todos os sujeitos envolvidos e trouxe maturidade para este e outros projetos futuros. A absorção coletiva da “pedagogia da autonomia” defendida pelo mestre e patrono da educação foi, talvez, a condutora do projeto.

A autonomia, enquanto amadurecimento do *ser para si*, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (Freire, 1996, p. 105).

Ao final da preparação dos trabalhos, após edição de todos os vídeos, o momento de maior emoção para os alunos “produtores” foi a noite da mostra dos curtas. O que antes havia sido planejado para se concentrar basicamente no estabelecimento escolar ganhou um novo *status*, para a alegria, satisfação e sentimento de valorização do trabalho dos estudantes, o que é tão importante para eles quanto a elaboração do trabalho em si.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. (Freire, 1996, p. 139).

A mostra dos curtas aconteceu em uma “noite de gala” para a qual foram convidados não apenas os professores, alunos e demais profissionais da escola, mas também os familiares dos estudantes e amigos destes que, para valorizar o momento tão expressivo na vida deles, foram todos vestidos com seus melhores trajes e dispostos a honrar o resultado de tão grande empenho.

O evento aconteceu no Cine Ouro, tradicional cinema e teatro de Goiânia, no dia 27 de novembro de 2019, com título de “Festival Curta os Curtas do Olavo Bilac”.

Ao final de cada curta, houve o sentimento de satisfação e alegria, por certo. Mas de maneira objetiva, igualmente, o sentimento de missão cumprida no quesito “mensagem transmitida”, pois a diversidade de temas abordados e a seriedade com que os educandos abraçaram o projeto levaram à plateia presente não apenas o riso e o entretenimento, mas a consciência política, pois a educação intervém em todas as áreas do conhecimento e das relações humanas (Freire, 1996, p. 106), da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, enfim, todas as áreas que, direta ou indiretamente, foram abordadas pelos educandos em seus curtas apresentados naquela memorável noite.

Cada um dos 23 curtas mereceria, por certo, uma análise mais profunda. Mas, ante a impossibilidade de analisar neste espaço todos os trabalhos em seus pormenores, passa-se à

análise do curta “O Lixo não se Faz Sozinho”, que apresentamos como uma amostra dos trabalhos elaborados por nossos “arquitetos do saber”. E uma prova de que do professor educador o que se espera é “não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Ser um “desafiador” (Freire, 1996, p. 28-29).

O Lixo não se Faz Sozinho

O curta produzido pelos alunos Vitória Salvanir da Silva, Rafael Fonseca Reis, Estefane Pereira Morais e Anna Júlia da Silva Góes chama atenção logo pelo sugestivo título, imbuído de uma consciência política, social e ecológica por trás das palavras escolhidas e dispostas de maneira coordenada. O lixo não se faz sozinho, mas é produzido, em grande escala e volume, por todas as pessoas da sociedade. E a forma de se desfazer dele é resultado de uma cultura e aprendizagem.

O tema central do curta é o trabalho desenvolvido por pessoas simples que obtêm o seu sustento através da coleta de materiais recicláveis, encontrados no lixo descartado nas residências e pontos comerciais na cidade onde vivem.

O curta foi produzido por estudantes que residem e estudam na cidade de Goiânia, e os trabalhadores entrevistados também. Mas percebe-se que os educandos, ao produzirem o vídeo, não fazem questão de mencionar o nome da cidade, dando assim um aspecto mais abrangente à obra, que extrapola a circunscrição geográfica da localidade em que vivem, convertendo-se em uma temática universal a mensagem

que desejam passar, pois o problema abordado poderia ser em qualquer grande cidade, como de fato acontece. Assim, o primeiro aspecto positivo e digno de louvor é exatamente a capacidade dos educandos de mostrar uma situação próxima deles de uma forma que pode ser apreciada e levada à reflexão em qualquer cidade brasileira que enfrenta o mesmo problema aqui abordado. Não é um tema propriamente local, mas nacional.

A escolha do enredo, portanto, não foi por acaso, haja vista que o Brasil é um dos países onde não há, ainda, uma cultura solidificada no sentido de cuidar do meio ambiente, dando ao lixo produzido um destino correto, e que não agrida a natureza.

Segundo dados publicados no *site* da Revista Galileu, da Editora Globo, o Brasil gerou, em 2018, 79 milhões de toneladas de lixo por ano, um aumento de quase 1% em relação ao ano anterior, segundo o Panorama dos Resíduos Sólidos 2018, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

Deste total, a estimativa é de que somente 3% sejam de fato reciclados, sendo que o potencial é de até 30%. Segundo informação publicada na revista, não mudou muito a visão de que basta ter lixeiras e o sistema de coleta já está resolvido. Não está.

E foi devido a esta preocupação com a reciclagem que os educandos empenharam-se em produzir o curta. No entanto, outro ponto digno de reconhecimento da qualidade do trabalho é que não ficaram focados unicamente na reciclagem em seu aspecto de limpeza e preservação do meio ambiente. A atenção principal voltou-se para o lado humano, para a

figura pessoal dos “catadores de lixo”, alcunha com que são conhecidos esses que laboram “de segunda a segunda”, como declara o trabalhador entrevistado pelos estudantes.

Por meio de uma linguagem clara, com imagens que demarcam bem o ambiente urbano e os inúmeros amontoados de lixo nas calçadas e praças, o barulho dos veículos, o movimento intenso de pessoas trabalhando e “produzindo lixo”, os educandos conseguem por meio do visual uma comunicação com seu receptor tão eficiente quanto seria por meio de um texto escrito ou narrado.

O movimento rápido das imagens, acompanhado de uma trilha sonora apropriada e obtida não por meio de uma música conhecida ou previamente gravada, mas pelo registro dos motores dos veículos em circulação nas cidades, são a introdução para uma pergunta que norteia o conjunto das ideias propostas pela equipe: “*Sabe por que o catador é sujo? Porque ele mexe no seu lixo para salvar o planeta.*” Pergunta esta que será implicitamente respondida ao longo do curta, através da conclusão e verificação da importância do trabalho dos entrevistados.

E a partir desta resposta, dá-se início a uma conversa entre o aluno, no papel de repórter, e um trabalhador que exerce seu ofício de “catador de lixo” nas ruas da cidade há 33 anos. O trabalhador encontra-se, no momento da conversa, acompanhado de sua esposa, que também participa da entrevista, com observações pertinentes e que são uma lição para o ouvinte de como separar o lixo de casa entre orgânico e o que pode ser utilizado para reciclagem.

Em poucos minutos de vídeo, os alunos conseguem extrair dos entrevistados muitas informações educativas não apenas

para eles, enquanto estudantes, mas para todo aquele que dedica um pouco de tempo para assistir ao curta produzido.

O casal entrevistado aborda a falta de cuidado que as pessoas têm ao jogar fora o lixo produzido em suas casas, não se preocupando em fazer a devida separação do lixo orgânico dos outros descartes que podem ser reciclados, além da falta de respeito que enfrentam por parte de pessoas e governantes que deveriam “*dar mais valor*” em quem busca seu sustento neste trabalho.

Dependem apenas dos braços para seu sustento. “*Catou ganhou. Não catou, não ganha nada*”.

Os entrevistados recolhem nos lixos os materiais que podem ser reciclados e os levam para o local onde são transformados, recebendo por isso uma importância muito pequena em dinheiro, que mal dá para o sustento pessoal e de sua família. Por esta razão, geralmente todos os membros da mesma família trabalham unidos, para que possam reunir o máximo de material a ser vendido.

Um dos principais problemas abordados pelos entrevistados é a forma como são vítimas de rotulações negativas por parte das pessoas. Devido à prática reprovável de determinados indivíduos, o entrevistado diz que o preconceito que sofrem é muito grande, pois as pessoas costumam generalizar e dizer que “*todo catador é ladrão*”.

Ora, a ação acolhedora dos estudantes e o respeito com que tratam os trabalhadores “catadores”, dando a eles a oportunidade de se expressar, são demonstrações de como, mesmo desconhecendo, por certo, a obra de Paulo Freire, conseguem corroborar o pensamento do eminente educador que, em sua *Pedagogia da Autonomia*, nos instrui com a preciosa

lição de que ensinar exige, entre outros requisitos, a rejeição a toda forma de discriminação.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (Freire, 1996, p. 37).

Como bem reconhece o entrevistado, o fato de haver trabalhadores no mesmo segmento dele que “fazem sujeira na rua” não significa que todos ajam da mesma forma. A maioria, como afirma, é gente trabalhadora, que passa o dia na rua trabalhando e que, ao final de sua jornada diária, vai para casa, onde vive com sua família.

O curta em comento também é marcante devido ao fato de registrar uma atitude dos estudantes que, com sensibilidade e olhar perspicaz, constatam que aqueles entrevistados bem como todos os “catadores” são seres humanos que não apenas buscam o seu sustento nas ruas, mas, ao fazê-lo, contribuem com a preservação do planeta e a limpeza da cidade, retirando dela objetos que poderiam contaminar rios e causar um enorme transtorno para toda a sociedade.

Em sua simplicidade, o entrevistado diz ao final que “*educação vem de casa*”, para que a vida do homem seja preservada e a dignidade do mesmo seja sempre lembrada e respeitada.

E, por entenderem o recado passado de quem, aparentemente, não tinha nada a oferecer senão a exibição de suas mãos calejadas, os estudantes saem, mais uma vez, de sua posição passiva e tomam frente para ajudar o trabalhador a reunir o máximo de material que garantiria o sustento

daquela família, sem preconceito e sem se julgar superiores a nada e a ninguém.

Os alunos percorrem as ruas da redondeza à cata de papelão e outros objetos úteis ao seu entrevistado, encerrando o vídeo com imagens que nos remetem a um mundo distante, onde todos dão as mãos e se ajudam, visando a um único fim: a solidariedade que suplanta de vez todo o egoísmo.

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. (Freire, 1996, p. 59).

Referência

FREIRE, Paulo (1921-1997). **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire - 67. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021.

VASCONELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência / Maria José Esteves de Vasconcellos. – Campinas, SP: Papyrus, 2002. <https://revistagalileu.globo.com/?status=404&url=https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/02/por-que-o-brasil-ainda-recicla-ao-pouco-e-produz-tanto-lixo.html>. Acesso em 23.05.2021.



<https://www.youtube.com/watch?v=N8CND5QIg80>

A JAQUETA

CRÉDITOS

Direção:

Maria Zilma Ferreira Santos

Roteiro:

Maria Zilma Ferreira Santos

Fotografia:

Maria Zilma Ferreira Santos

Bete Augusta Pereira

Imagens de Arquivo:

<https://www.youtube.com/watch?v=N8CND5QIg80>

Som (música):

Instrumental de domínio público

Montagem/Edição:

Maria Zilma Ferreira Santos

Adriano Soares

Professora Flaviany Marques Ferraz Saraiva

Entrevistados:

Aluna: Maria Eduarda dos Santos Barcelos

Aluno: Arthur Farias Vilela

Professora: Clélia Carvalho de Moraes

Agradecimentos

À equipe escolar do Colégio Estadual Professor Gervásio Santana
Dourado

Soares Produções

Instituto Unibanco

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2019

A JAQUETA

Maria Zilma Ferreira Santos - SEDUC/Goiás¹

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (Paulo Freire, 1996).

O curta-metragem intitulado “A JAQUETA” foi idealizado na disciplina de mestrado “Produção Científica em linguagem visual e audiovisual” Cepae/UFG sob a orientação das professoras Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e Dra. Maria Alice Rocha. O dialogismo, o embasamento teórico e as reflexões construídas nesse processo trouxeram à tona a necessidade de uma compreensão mais ampliada do espaço escolar, o que reverberou numa produção audiovisual que contribuiu para um momento de escuta dos sujeitos envolvidos, promovendo assim a autopercepção diante dos conflitos que vivenciam na escola. “[...] fazer audiovisual na escola

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Cepae). E-mail: zilmapeda@gmail.com.

implica em uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional” (Rivoltela, 2005, p. 840).

A pesquisa inicial considerou as vivências no Colégio Estadual Professor Gervásio Santana Dourado, situado na cidade de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás, com jovens na faixa etária de 13 a 16 anos que viviam isolados dentro das salas de aula, nos recreios, pátios e corredores, com lágrimas nos olhos, baixa autoestima, sem esperança e perspectivas de futuro, ansiosos para serem ouvidos e terem um espaço para se expressarem. O que também provocava a falta de motivação nos estudos. O subterfúgio era o uso constante de jaqueta, para esconder as automutilações, as dilacerações, as mazelas da vida e o desejo de suicídio. Isso corroborou um quadro preocupante, pois entre os anos 2000 e 2015 o acréscimo do número de suicídios no Brasil entre adolescentes foi de 47% “(Cicogna; Hillesheim; Hallal, 2019).

Nesse sentido percebe-se a importância de estabelecer uma relação dialógica entre os vários atores. Evidenciando a necessidade de

[...]Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacaba-

do. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. (Freire, 1998, p. 50).

Nessa perspectiva, iniciou-se a investigação através da observação do comportamento dos adolescentes, bem como do uso frequente da vestimenta “Jaqueta”. Nas entrevistas e nas produções artísticas na disciplina de arte, evidenciaram-se as situações deprimentes que esses jovens se submetiam, cotidianamente. As eletivas “Protagonismos Juvenis” e estudo orientado também foram palcos de debates para os discentes expressarem seus sentimentos. Após as vivências, criou-se o grupo de psicoterapia, com a participação de oito jovens.

Nesse processo, várias situações foram destacadas pelos alunos, o sentimento de impotência, a omissão a omissão dos pais, o não reconhecimento às diferenças, a subjetividade, a identidade, a cultura, os fatores social e afetivo, e a incredulidade de alguns docentes sobre a atual situação em que eles se encontram, em relação à automutilação e ao desejo de acabar com a dor findando a própria vida. Para Freud (2001) as lembranças recalçadas permanecem no inconsciente e são filtradas na consciência por um caminho sinuoso, sob a forma de imagens aparentemente sem sentido, destacando a necessidade de um estudo aprofundado epistemologicamente sobre os sonhos e suas contribuições ao conhecimento psicológico.

Na dinâmica do processo, os pais alegaram não ter conhecimento sobre a situação, nem sequer perceberam as automutilações e problemas de tristeza na vida dos filhos, bus-

cando assim justificativas infundadas, o que demonstrou um retrato de omissão e falta de diálogo na família.

Nesse sentido, Paulo Freire (1987) afirma a necessidade do diálogo como o processo comunicativo entre os sujeitos, para que assim aconteça a colaboração. A transformação dos problemas existentes na sociedade exige um processo dialógico entre os sujeitos, para que se possa embasar a ação entre os indivíduos. Ele não pode ser imposto e nem servir para aumentar a domesticação da consciência.

A partir disso, entende-se a importância da escola como espaço privilegiado de propiciar momentos democráticos, para promover esse diálogo entre a família e os seus filhos, pois a dinâmica familiar muitas vezes impede que isso aconteça. Observou-se o desejo desses jovens em ter mais autonomia, porém isso é um processo que perdura e se constrói por toda a vida. A construção da autonomia do adolescente como um sujeito histórico depende da conquista da experiência, que lhe é refutada, é uma fase complexa, principalmente quando se discute a autoafirmação em um mundo repleto de ideologias, achismos e incertezas.

De acordo com Calligaris (2009), a passagem para a vida adulta pode ser considerada um enigma a ser decifrado. A adolescência é um período da vida em que o jovem vive conflito e busca autonomia. Ele idealiza um novo rumo para a vida, que foge ao que é idealizado pelos adultos, é considerado um período de transição, em que a duração é misteriosa.

Na concepção do autor, a adolescência está em um período “[...] entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega. O espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender, então, como essa época da vida possa ser

campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio” (Calligaris, 2009, p. 19).

Essa indefinição, nem criança, nem adulto, o faz ficar na defensiva, o que acaba por gerar angústia, ansiedade e a “rebeldia” para tentar ser reconhecido como “sujeito” curioso, reflexivo e participativo. Por isso é importante que o jovem se sinta acolhido, para desenvolver um diálogo consigo mesmo e com o mundo que o rodeia.

O desenvolvimento desse projeto para o curta-metragem contou com a parceria de vários atores sociais, dentre eles a equipe pedagógica da escola, psicólogos, o projeto Instituto Unibanco, que disponibilizou uma equipe para atendimento às famílias e aos adolescentes. Foram feitos os encaminhamentos necessários sugerindo instituições sociais que fariam acompanhamentos sistematizados gratuitamente. A companhia de teatro teve um importante papel colaborativo nesse processo, protagonizando a edição das imagens e a escolha sonora, com respeito aos direitos autorais. A psicoterapia de grupos semanalmente foi importante para o momento de escuta, partilha e de intervenção, contribuindo para a mudança de atitude dos alunos frente aos desafios.

A Sociedade, em geral, e a escola, em específico, precisam ter um olhar mais estratégico e humanizado, pois de acordo com a pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS) a cada 40 segundos no mundo morre uma pessoa por suicídio (Conselho Nacional de Saúde, 2019), a vida precisa ser preservada, e o curta exemplifica esse ideário.

Paulo Freire (1987) também nos ensina que é preciso superar as contradições existentes na sociedade e na escola, para se construir uma sociedade mais humana, fraterna e

emancipatória. Esse processo de superação é ligado à autolibertação dos indivíduos frente a sua própria realidade concreta de opressão.

Referências

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009. 88p.

CICOGNA, J. I. R.; HILLESHEIM, D.; HALLAL, NA L. DE L. C. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 1, p. 1-7, 2019.

CONSELHO NACIONAL DA SAÚDE. **Um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo, diz Organização Mundial da Saúde**. 10 set. 2019. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/809-um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-organizacao-mundial-da-saude>. Acesso em: 10 maio 2021.

FREIRE, Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. IV e V, 2001.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Media Education: modelli, esperienze, profilo disciplinare**. Roma: Carocci, 2002.

_____. **Media education: fondamenti didattici e prospettive di ricerca**. Brescia: La Scuola, 2005.

CURTAS- METRAGENS

2021



<https://www.youtube.com/watch?v=9oCGa7DKw3U>

SEM SINAL

CRÉDITOS

Direção

Iracy Maria Rodrigues

Janaina de Carvalho Neto

Mariusas Alves Sartin

Roteiro

Iracy Maria Rodrigues

Janaina de Carvalho Neto

Mariusas Alves Sartin

Fotografia

Iracy Maria Rodrigues

Janaina de Carvalho Neto

Mariusas Alves Sartin

Edição

Rubens Neto

Narração

Gabrielly Silva

Agradecimentos

Aos professores e alunos da Escola Polivalente Professor Goiandy Prates e Escola Municipal Pedro Xavier Teixeira pelas imagens compartilhadas;

Aos moradores do Residencial JK, pelo consentimento do uso das imagens;

E todos envolvidos nesse projeto.

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

SEM SINAL

Iracy Maria Rodrigues¹

Janaina de Carvalho Neto²

Mariusas Alves Sartin³

Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reaccionariamente pretende imobilizar a história e manter a ordem injusta. (Paulo Freire, 2019).

Um diálogo entre duas professoras através de mensagens de WhatsApp desvela o enredo do curta-metragem “Sem Sinal”. Uma professora residente no Brasil fala com a amiga professora brasileira que mora nos Estados Unidos da América sobre suas angústias enquanto cidadã e profissional da educação, angústias que foram evidenciadas pela pandemia da Covid-19.

1 Pedagoga. iracymariarodrigues2@gmail.com.

2 Mestranda em Educação pelo Cepae – UFG. janainaenbio@hotmail.com.

3 Mestranda em Educação pelo Cepae – UFG. mariusasartin@yahoo.com.br.

Ela menciona as desigualdades socioeconômicas existentes e seus reflexos na educação. Segue desabafando, falando sobre a realidade enfrentada pelo país e jogada para debaixo do tapete, mas que durante a pandemia foram evidenciadas. No diálogo, ela deixa claro sua indignação perante a realidade do ensino remoto, em que a educação pública se configura em um cenário caótico.

A personagem Mari, que mora no exterior, relata sobre a atual situação em que se encontra o país onde ela mora no mesmo período pandêmico. A professora que mora no Brasil faz uma reflexão sobre a realidade contemporânea que escancara as desigualdades educacionais no país. Relata as dificuldades enfrentadas por docentes e discentes, que perpassam pela posse ou não de equipamentos eletrônicos, acesso a redes de internet e espaço físico apropriado para estudo. Lamenta como esses entraves deixam suas marcas cravadas na vida de alunos que se veem desestimulados a prosseguir no caminho contrário ao determinismo imposto às classes minoritárias a que eles pertencem e como esses impasses contribuem para a crescente evasão escolar. Encerra-se o curta marcando caminhos sem sinais de melhorias para a educação brasileira frente às medidas tomadas pelo poder público e simbolizando a falta de sinal de internet que representa a realidade de milhões de estudantes brasileiros.

O curta-metragem traz à tona provocações acerca do ensino remoto como meio de análise das precariedades educacionais já existentes e enfatizadas durante a pandemia pelo novo coronavírus. O vídeo apresenta temáticas abordadas pelo educador Paulo Freire, cuja filosofia baseia-se na educação por meio do diálogo, como prática educativa transfor-

madora, para a liberdade e criticidade. Traz ainda o tema da desigualdade social e a manutenção da ordem social injusta, e seus reflexos na educação. Assim, além de uma exposição da nossa realidade é um convite à reflexão sobre a mesma.

A produção teve como ponto de partida as discussões realizadas pelas autoras acerca das dificuldades enfrentadas pelos educandos no período da pandemia. Um trabalho extenso de pesquisa foi realizado junto a educandos e professores que configuram essa realidade, em que o diálogo, individual e em grupos, levou a reflexões sobre a importância de expor o assunto.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.



<https://www.youtube.com/watch?v=e-SQuQR-bng>

LUEDJI

CRÉDITOS

Direção

Lara Fogaça, Júlio César Bueno e Wanderley José.

Roteiro

Lara Fogaça, Júlio César Bueno e Wanderley José.

Fotografia

Lara Fogaça e Gilmara

Imagens de Arquivo (dos filmes, sites que usou)

Remove.bg

Movavi

Adobe Audition

Canva

Som (música)

Mamiwata – Kossua Ghyamphy

Montagem/Edição

Lara Fogaça

Entrevistados

Domingos Dumas

Augusto César

Kênia Patrícia Araujo

Andreia Mols

Gilmara Carvalho

Hilkia Ellen Ferreira Rosa

Max Rogério Magalhães

Pesquisa

Nomes dos trabalhos (referências que usou)

Agradecimentos às pessoas que ajudaram (direta ou indiretamente)

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

LUEDJI

Lara Fogaça dos Santos¹

Wanderley José de Faria²

Júlio César Bueno Pimentel³

Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.
(Freire, 1989).

No ano do centenário de Paulo Freire, as inúmeras comemorações em sua homenagem contrastam com um governo autoritário que mostra desprezo à vida e à educação. Como educadores seguimos nutrindo esperanças e resistências. Em sua prática educativa, Paulo Freire nos deixou o legado de educar para a liberdade, autonomia, diálogo e como “sujeitos de ocorrências” intervir na realidade e confrontar os problemas e as injustiças. Não basta simplesmente constatar as situações de desigualdades, machismo e racismo, é necessário confrontá-las.

1 Lara Fogaça. larafogaca94@gmail.com.

2 Júlio César Bueno. buenopimenteljc@gmail.com.

3 Wanderley José. wanderleyyy@gmail.com.

Acreditamos que uma educação libertadora é fundamentalmente antirracista. Faz parte da eticidade defendida por Paulo Freire:

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (Freire, 2009, p. 35).

Em nosso trabalho audiovisual mostramos a presença da influência freiriana através da boniteza da diversidade. A presença que não se cala! O reconhecimento de seu valor e de sua ancestralidade. Não há espaço para o silêncio das diversidades. O que deve haver é o espaço da escuta d@s estudantes e de sua história. O que deve haver é o espaço do diálogo e respeito. Não cabe aqui o olhar superior, mas a virtude da escuta, o afeto que afeta...

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles de cima para baixo. Sobre tudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferen-

te não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível. (Freire, 2009, p. 76).

O incômodo de ser/estar em uma sociedade que nega a existência da população negra, em uma perspectiva social e política, impulsionou o processo de criação deste curta-metragem.

A educação como a entendemos é o espaço de resistência diante de inúmeras injustiças frutos das desigualdades sociais e do racismo estrutural. Compreendemos que não basta falar no ambiente escolar sobre o racismo, mas, sim, de promover uma educação antirracista.

[...] é possível pensar a escola e a educação como dispositivos de resistência e de transformação social para uma sociedade mais justa e solidária, na qual as diferenças são respeitadas. (Rabelo, s/d, p. 1).

Essa temática nos provoca a pensar e levantar questões, tais como: Nossa prática educativa reverbera o racismo existente em nossa sociedade? A escola pode ser um espaço institucional de resistência? Como nós, professores e professoras, temos trabalhado a discussão racial? Conseguirá o/a professor/a colocar em prática as conquistas das políticas educacionais resultantes das lutas das populações negras?

Não podemos negar o avanço gerado pela luta e resistência do movimento negro, ao conquistar, por exemplo, a efetivação da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, a qual estabelece a obrigatoriedade do estudo da 'História e Cultura Afro-Brasileira e Africana' no currículo. Tal lei foi ampliada, em 2008, com a inserção da temática indígena, a partir da Lei

nº 11.645, que estendeu a obrigatoriedade da temática para o campo da formação de professores, incluindo a história e cultura indígena, sendo estas leis uma das formas de diminuir e confrontar tais situações, como explica Rabelo (s/d):

Diante da discriminação racial no ambiente escolar ou fora dele, na desigualdade de oportunidades para as pessoas afrodescendentes, o conhecimento da legislação pode ser um valioso instrumento para combater o racismo e na luta por maior dignidade, respeito e melhores condições de vida. (Rabelo, s/d, p. 2).

Somado a isso, os estudos realizados durante a disciplina “Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual” possibilitaram embasamento teórico para tal produção. A partir dos estudos sobre imagem e cinema com os autores como Barthes (2004), Rivera (2011), Didi-Huberman (1998) compreendemos a linguagem visual e audiovisual como possibilidade de construção de conhecimento. Conhecimentos sobre o mundo, sobre a realidade e, também, a subjetividade. As percepções, representações, interpretações e pensamentos construídos pela imagem ou pelo audiovisual provocam diversos discursos e olhares sobre o real. A imagem para além da representação da realidade permite que se problematize essa mesma realidade.

E ao pensar nessas discussões, compreende-se a necessidade de produções que falem sobre pessoas negras para pessoas negras, como possibilidade de conexão com nossa ancestralidade e cultura; além de uma tomada de consciência sobre a própria realidade com perspectivas de transformações sociais. É com esse anseio que decidimos pela criação de uma

proposta audiovisual para discutir a educação antirracista, no intuito de refletir sobre a importância da educação como provocadora de possíveis barreiras contra o racismo.

Referências

BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In: _____. **O Rumor da Língua**. Trad.: Mário Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 427-433. (PDF)

DIDI-HUBERMAN, Georges. A Inelutável Cisão do Ver. In: _____. **O Que Vemos O que Nos Olha**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 29-48. (PDF)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

REBELO, Danilo. A Educação e o combate ao Racismo. Disponível em: https://historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo2/capitulo9/conteudo/arquivos/historiaafrica_mod2cap9.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021. (PDF).

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (PDF)



orgânica do cerrado, o cupim



Noé das Artes

eu sempre faço a obra de arte para atingir a alma do espectador.

MOSTRA MUSEU CATEDRAL DAS ARTES

<https://www.youtube.com/watch?v=gvn-FuIHOo8>

NOÉ DAS ARTES

CRÉDITOS

Direção:

Edson Barbosa

Roteiro:

Edson Barbosa

Fotografia:

Edson Barbosa

Câmera 1: Deyzylany Ferreira Neves

Câmera 2: Edson Barbosa

Imagens de Arquivo:

Arquivo Pessoal

Som direto:

Aline Ribeiro

Deyzylany Ferreira Neves

Legenda:

Deyzylany Ferreira Neves

Fernanda Bueno

Montagem/Edição:

Edson Barbosa

Deyzylany Ferreira Neves

Fernanda Bueno

Entrevistado:

Noé Luiz da Mota

Pesquisa:

A FOTOGRAFIA NA ANTROPOLOGIA POR SYLVIA CAIUBI NOVAES. Inarra pesquisa, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuB-m8NJXRo&t=9s&ab_channel=InarraPesquisa> Acesso em: 01 maio 2021.

CLOSE UP - PHOTOGRAPHERS AT WORK, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEIVlcsRUuQ&t=12s&ab_channel=iPhoto>. Acesso em: 01 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Agradecimentos:

Noé Luiz da Mota

Aline Ribeiro

Orientação:

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

NOÉ DAS ARTES

Deyzylany Ferreira Neves¹

Edson Barbosa²

Fernanda Bueno³

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (Freire, 1996).

O documentário intitulado Noé das Artes tem como proposta analisar, por meio da vida e obra do artista e educador goiano Noé, as possibilidades de uma educação autônoma e criativa que pode acontecer dentro e fora dos muros da escola.

Escolhemos Noé, idealizador e criador da Catedral das Artes, sua maior obra de arte, a qual teve suas linhas inspiradas nas formas orgânicas do cerrado, os cupins, fundada em 1988, na cidade de Goiânia, para este documentário que

-
- 1 Licenciada em dança. Mestranda do PPGEEB/Cepae – UFG. Deyzylanyf.n@hotmail.com.
 - 2 Professor. Pós-graduado em Gestão e produção de projetos culturais UFG. edsonbarbo-saprofessor@gmail.com.
 - 3 Professora de História. Pós-graduada em Psicopedagogia. Mestranda do PPGEEB/Cepae – UFG. fernandamabu12@gmail.com.

trata a respeito de uma educação para autonomia, por identificarmos em sua biografia elementos que podem inspirar professores de qualquer disciplina a se lançarem num empreendimento de educação que vise a autonomia do aluno e uma educação voltada a criação de novos saberes e não somente a reprodução de antigos.

O artista Noé sempre buscou ter autonomia ao criar sua arte. Desde tenra idade a curiosidade gritava dentro de si. Morando em fazenda começou a fazer arte, sem saber que aquilo era arte. A criança do interior, morou em vários lugares, como a cidade de Goiás que lhe ofereceu ruas, becos e casarões históricos para suas pinturas, artesanatos e filmes. Ao longo de sua vida também se tornou educador e pôde refletir sobre os métodos e conteúdo da educação.

De fato, o artista moldou o professor. Assim, podemos propor um novo olhar onde a educação é tida como uma obra de arte, todavia, não é o professor quem a constrói em uma perspectiva verticalizada e bancária, na verdade, o aluno tem liberdade para se construir. O professor é aquele que acompanha o aluno em seu desenvolvimento respeitando a individualidade do sujeito como o artista respeita a individualidade de cada obra e a lança no mundo para que esta seja o que quiser. Noé das Artes mostra a preocupação desse Noé, artista e educador, com a preservação da memória artística em Goiás e com a formação de novos artistas e novas pessoas.

As cenas do documentário foram gravadas em um dia. O objetivo era propor conversas sobre temas importantes para a educação e, principalmente, para a formação de sujeitos autônomos. Com sua biografia, sua arte e sua vasta experiência, Noé pode trazer reflexões cruciais sobre o tema principal do

documentário, isto é, uma educação que vise a autonomia dos sujeitos. Assim, foi possível uma gravação produtiva e leve.

A edição do documentário se apresentou como um grande desafio. O que iríamos excluir de um material tão rico? Procuramos por eleger como fundamental para o documentário aqueles aspectos da vida e trabalho do artista Noé que pudessem corroborar de forma precisa com nossas intenções de mostrar ao público um exemplo vivo de uma proposta de educação para autonomia. Foram realizadas 4 reuniões para debater a edição e realizar os ajustes. Optamos por legendar o documentário a fim de torná-lo mais acessível.

A fotografia do documentário tenta levar o espectador até a Catedral, como se o observador, ao deparar-se com aquelas formas gigantescas de cupim da Catedral das Artes, deixasse a curiosidade levá-lo para dentro, e, então, neste lugar, poder deleitar-se com as histórias do Noé, o qual critica o processo de ensino atual e reflete, ainda, que de forma indireta, sobre uma Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Pois foi esta obra que nos motivou a procurar um exemplo vivo de um profissional que une rigorosidade metódica com disposição para que o educando e os sujeitos que tenham contato com sua obra aprendam com liberdade e para a liberdade.

Referências

A FOTOGRAFIA NA ANTROPOLOGIA POR SYLVIA CAIUBI NOVAES. Inarra pesquisa, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuB-m8NJXR0&t=9s&ab_channel=InarraPesquisa> Acesso em: 01 maio 2021.

BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In: _____. **O Rumor da Língua**. Trad.: Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 427-433.

CLOSE UP - PHOTOGRAPHERS AT WORK, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEIVlcsRUuQ&t=12s&ab_channel=iPhoto> Acesso em: 01 maio 2021.

DID-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

FREUD, Sigmund. Lembranças Encobridoras (1899). In: _____. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. III, p. 333-358. Edição Standard Brasileira.

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



<https://youtu.be/9rt9LUVSVTQ>

REINVENTAR

CRÉDITOS

Direção

Élida Ferreira/ Lucas Soares da Silva Filho/ Patrícia Maria Jesus da Silva e Victor Dutra

Roteiro

Élida Ferreira/ Lucas Soares da Silva Filho/ Patrícia Maria Jesus da Silva e Victor Dutra

Fotografia

Élida Ferreira e Patrícia Maria Jesus da Silva

Imagens de Arquivo

Cemitério Covid – autoria: Alex Pazuello/Semcom (15 maio 2020); retirada de: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-chega-a-41-828-vitimas-e-se-torna-2o-pais-com-mais-mortes-por-covid-19/>

Ilustração (Artes Visuais)

Victor Dutra

Som (música)

Narração do professor: Lucas Soares da Silva Filho; narração da aluna: Patrícia Maria Jesus da Silva; sirene de escola.

Montagem/Edição

Élida Ferreira/Alessandro Ricardo da Silva

Pesquisa

Nosso olhar (Élida Ferreira, 2019);

Paulo Freire: *pedagogía del diálogo* (una producción de Asesoría Mediática S.A. de C.V., 2017);

Agradecimentos

Às pessoas que ajudaram (direta ou indiretamente)

Alessandro Ricardo da Silva

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

REINVENTAR

Élida Ferreira - RME/Goiânia¹

Lucas Soares da Silva Filho – SEDUC GO²

Patrícia Maria Jesus da Silva - RME/ Goiânia³

Victor Dutra - Universidade Estadual do Pará⁴

[...] onde há vida, há inacabamento. (Paulo Freire, 2004).

É o novo normal, temos que nos reinventar... Todos temos ouvido essa frase repetidas vezes, a despeito da catástrofe pandêmica que vivenciamos em nosso país. Não podemos parar, refletir, sofrer, chorar, viver o luto, temos que nos levantar e continuar trabalhando, a economia não pode parar. Caso você morra, será substituído pelo exército de reserva criado pelo neoliberalismo, ou outros de nós, os desempregados. Tentam criar uma narrativa em que economia e vida

- 1 Mestranda em Ensino na Educação Básica e Licenciada em Pedagogia – (PPGEEB/Cepae/UFG). Email: elida.ped@gmail.com.
- 2 Especialista em docência superior no ensino da Matemática (Unifan). Professor de Matemática - Ensino Fundamental II pela Seduc-GO e Rede privada. Email: lucasmigtig@hotmail.com.
- 3 Mestra em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG). Professora de História – Ensino Fundamental II na Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira (RME/Goiânia). Email: patriciaescola.16@gmail.com.
- 4 Acadêmico de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará. Email: victorto.dutra@gmail.com.

humana são antagônicas, ou se salva uma ou outra. Não podemos deixar a economia morrer, mas nós podemos.

É com essa reflexão que escrevemos o curta-metragem “Reinventar”. Ele representa o desabafo de um coletivo composto por quatro autores e é produto de estudos teóricos, discussões e elaborações propostas na disciplina “Produção Científica em linguagem visual e audiovisual” do Mestrado em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/Cepae/UFG) no ano de 2021, sob a orientação das professoras Dra. Deise Mesquita, Dra. Maria Alice Rocha e Dra. Silvana Matias Freire.

Em março de 2020, ao nos depararmos com “uma pandemia no meio do caminho”, vários foram os medos e indecisões que teríamos de enfrentar. Neste cenário, diante da urgência em aprender sobre a linguagem audiovisual para aplicar em nossos espaços profissionais, em decorrência da suspensão do atendimento presencial, a oferta da disciplina nos permitiu a problematização e desconstrução sobre as diferentes possibilidades de inserção desta linguagem na escola: seu uso *para além* da transmissão de conhecimento ou para mero aspecto lúdico a fim de entreter os alunos.

Nas discussões e leituras sustentadas pelos textos da psicanálise freudiana e lacaniana, bem como pelos construtos de Paulo Freire, observamos o cinema por uma outra ótica: a de servir como linguagem que contribui para a produção do conhecimento. Essa constatação vem de nossa experiência na disciplina, quando criamos nossas narrativas para elaborar o curta-metragem “Reinventar”. No ato de criação da obra percebemos a mobilização de diferentes competências como a colaboração e reconhecimento de diferentes saberes que nos levaram a problematizar a precarização do trabalho docente.

Por meio do trabalho colaborativo para a produção audiovisual tivemos que pensar sobre questões éticas, políticas, estéticas e, principalmente, tecnológicas, na complexa tarefa de recortar e apresentar para os expectadores o tema “autonomia do professor”. Pensamos sobre como criar a partir dos materiais que estavam disponíveis para nós naquele momento e de maneira virtual, com respeito aos diversos saberes, escuta e tolerância. Acreditamos que tais elementos foram essenciais para nossas decisões e o resultado foi fantástico, ao menos para nós, porque estava em sintonia com nossas angústias e percepções.

Nesta produção, não discutimos apenas questões teóricas, mas caminhamos pelo universo de nossas memórias, com aquilo que nos impactava e afetava. Fomos orientados no início dos estudos a escolher um tema que se aproximasse de nossa realidade, algo de nossas experiências de leituras, trocas e discussões dos textos relacionando-os às nossas demandas profissionais/pessoais.

Assim, a elaboração do curta-metragem foi permeada pelo exercício da escolha e criação de imagens estáticas, pela escrita do roteiro, gravação de áudio e edição. O que demandou o ato de escrita e reescrita, demonstrando que a construção da narrativa cinematográfica é trabalho de elaboração por um coletivo que seleciona e decide cada etapa da criação da obra e participa conforme suas aptidões.

No meio da pandemia, apenas um caminho

Durante todo o processo de criação da obra audiovisual fomos norteados por uma narrativa que demonstra de que lugares falamos ou, ao menos, tentamos falar. Vozes que nem sempre são ouvidas no dia a dia, mas que recebem os roteiros prontos de um controle externo, que já profetiza seus passos e programa toda a sua jornada. Assim, a criação do curta-metragem desempenhou um papel importante para a divulgação de valores e sentimentos de grande parte dos docentes no país.

O ensino remoto na rede Estadual de ensino do Estado de Goiás teve seu marco inicial em março de 2020, devido à pandemia da Covid-19. Com as escolas fechadas e o isolamento social, o ensino se tornou *on-line* ou recebeu outros nomes como “híbrido” e “remoto”. Mas como isso afetou a escola e o processo de ensino-aprendizagem mediante o caos pandêmico? Acredita-se que as aulas virtuais (síncronas) trouxeram uma crise para a educação. Mas, na verdade, as desigualdades sociais que antes eram (in)visíveis tornaram-se avassaladoras.

Diante dessa realidade, o professor se vê à frente de um obstáculo que é ensinar a distância. E muitas são as suas questões, dentre elas: qual ferramenta tecnológica devo usar? Será que o aluno está aprendendo? De início, intensas reuniões para tratar do assunto, cursos e treinamentos com a intenção de formar o professor para que conheça os diferentes tipos de aplicativos. O resultado disso vem em forma de sobrecarga de trabalho já que as tecnologias precisam ser dominadas (mesmo que nem todos os alunos tenham condições de acesso). O professor é obrigado a cumprir determi-

nações e utilizar o material recebido, imposto e submetido ao cumprimento de cronogramas.

Através dessa experiência, percebe-se que a ajuda tecnológica não supriu a sua presença. Em sala de aula, só com um olhar professor e aluno se reconheciam, mas no ensino remoto as câmeras desligadas angustiam. Os índices de evasão das aulas cresceram e criaram uma instabilidade que ameaça a existência da escola por meio de cobranças das redes de ensino que invalidam qualquer tentativa que não supere os números indicados para manter as porcentagens burocráticas. E, assim, sentimentos como ansiedade, medo, frustração, vergonha e confusão são recorrentes entre os relatos dos docentes.

Numa tentativa de romantizar e normalizar a barbárie, nos instigam a trabalhar de maneira diferente, criativa, utilizando cada vez mais as tecnologias, dedicando mais tempo e esforço, para fingir que o que está acontecendo não nos afeta. Na velocidade do ciberespaço vamos trabalhando e acreditando sem criticar que agora é assim, que a pandemia é uma “gripezinha” e que se acreditarmos que ela não existe, ela acaba. Nessa lógica perversa, a responsabilidade é individual e não coletiva, portanto, cada um tem que se inventar de outro modo, para continuar produzindo. Nossos olhos estão tão saturados que não vemos mais as pessoas que morreram, são apenas números; até que alguns desses dígitos sejam próximos de nós e, por alguns dias, passemos a refletir, entristecer, nos frustrar; mas, em seguida, tomados pela corrente, caímos novamente na roda viva do reinventar.

Com esse percurso durante o trabalho pedagógico remoto, produzimos o curta que narra de maneira sutilmente irônica um breve momento na vida de um professor nesse contexto

pandêmico, que tem que trabalhar, sem as condições adequadas, presencial e virtualmente ao mesmo tempo, onde o viver e o trabalhar são diluídos numa coisa só. As cenas se passam na sala de aula e ao mesmo tempo em sua cabeça. Ele é um professor com cabeça de televisor antigo, que vive no mundo digital, controlado pela burocracia institucionalizada, que lhe cobra inúmeras tarefas que o sobrecarregam e o desumanizam; que dá aulas para crianças com cabeças de TVs de última geração, mas com necessidade de afeto, que nesse momento ele não pode dar. Tem que conciliar também suas demandas familiares, com o trabalho e o cansaço que é seu companheiro, mesmo no início de cada dia.

O texto de Paulo Freire ao final é um convite, não ao reinventar, mas ao esperar que não é espera, é se levantar, ir atrás, construir, não desistir, levar adiante, juntar-se com outros para fazer de outro modo.

O processo de esperar a narrativa audiovisual

Para iniciar a composição do curta-metragem, em um primeiro momento tivemos o desafio de transformar as nossas problematizações em imagens estáticas, sejam elas fotografias, colagens, desenhos, pinturas ou outras possibilidades. Foi um processo complexo porque teríamos que representar o que nos angustiava com relação a não autonomia do professor e, ainda, negociar os sentidos de diversas ideias as quais apresentávamos.

Escolhemos imagens que estavam implicadas em nosso cotidiano com ações do tempo passado e presente: três fotografias (a primeira apresenta uma professora e alunos dentro de uma sala de aula tradicional em período anterior à pandemia e que remetia ao “normal”; a outra com enquadramento nas valas abertas em um cemitério - de domínio público; e a terceira imagem mostra alguém caminhando para algum lugar). Queríamos também representar as aulas síncronas e por isso foi elaborada uma montagem com o formato das salas virtuais com as “bolinhas” dos usuários, em substituição aos rostos dos alunos. E, por último, um dos integrantes do grupo criou um desenho digital com técnica de colagem que compôs o cenário central da narrativa e é sobre ela que iremos expor apresentando alguns dos significados de sua composição.

Elegemos a colagem digital para construir a nossa narrativa, já que tantas eram as questões que apareciam sobre o universo do professor durante o período da pandemia. Exposto isto, a imagem estática em que baseamos o curta busca incomodar o espectador no enquadramento, pois permite observá-la pelo ângulo alto (Plogeé), almejando a impressão de amplo alcance, de inferioridade aos sujeitos observados e de superioridade do espectador, dialogando com o que parte da sociedade pensa a respeito da educação e do patrono Paulo Freire.

Para Freire (2004), é necessário que se lute para manter o direito do educador em ter no ambiente escolar total liberdade em suas atribuições, defendendo que a este sejam oferecidas oportunidades favoráveis de bom desempenho no seu trabalho. Cabe ao docente, também, agir com bom senso em relação aos seus educandos, sua liberdade deve ser norteadada

de moralidade, ética, responsabilidade, sem verticalidades, buscando coerência e respeito às diversidades e conhecimentos dos alunos.

Por essa ótica, a tecnologia é empregada para representar a mercadoria (o negócio), o aparelho inteligente (a uma época) que tem gerências externas (de controle) e de longevidade (vida útil), por isso a escolha da Televisão. Não dá para dissociar o desempenho do professor das más condições de trabalho e no trato com seus educandos. Se a alta produtividade desse profissional está em questão, esta “educação” deve ser questionada. Logo, a autonomia do professor pode ser afetada por interesses diversos.

A autonomia do professor pode estar fragilizada também pelo controle institucional, por leis que desconstituem o papel docente na proposta curricular. Professores sem engajamento no criar e no educar estão fadados a não gerarem curiosidade em seus alunos. O educador participa da vida do educando, permitindo que este possa ser um sujeito cidadão que dá devolutivas à sociedade, que é transformada pela prática do conhecimento. Ambos não são objetos descartáveis, não podem ser controlados, mas inspirados pelo conhecimento.

Diante do que foi exposto, ao elaborar o roteiro, definimos que a colagem digital seria a imagem a apresentar a nossa narrativa. Pensar em um enredo constituiu-se em apresentar os elementos principais de uma forma que não fosse tão óbvia para o expectador, mas que permitisse a reflexão e ao mesmo tempo a identificação com o que tem vivenciado na educação, seja em ensino remoto ou não. Decidimos então que daríamos voz a esse professor ilustrado na figura. As cenas da mesma imagem são movimentadas em diferentes

ângulos enquanto o docente apresenta seu relato do que vivencia no dia a dia, suas preocupações com as demandas burocráticas, o desejo de aprender e refletir sobre sua prática pedagógica e, ainda, conciliar com o ambiente familiar.

A imagem estática ganhou movimento, dirigindo o espectador à realidade narrada, mesmo que este a veja de outra perspectiva, sendo conduzido ao caos da mente do educador pela atual conjectura política e social que o país enfrenta, em que a educação pública sofre ameaças de todas as esferas através de cortes de investimentos públicos, de ataques aos educadores, além da confusão da opinião pública em respeito à crise na educação. Analisar essa realidade com o compromisso ético, baseado em evidências e com diálogo com as pessoas inseridas nessa realidade é perspicaz (Santos, *et al.*, 2018).

Referências

SANTOS, Graziella Souza dos; MOREIRA, Simone Costa; GANDIN, Luís Armando. Desafios do trabalho escolar e do currículo na escola pública: interfaces com o efeito do território periférico. **Currículo sem fronteiras: revista para uma educação crítica e emancipatória**, v. 18, n. 3 (set./dez. 2018), p. 760-784, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, p. 20-60, 2004.

O Brasil lidera o ranking de cirurgias plásticas em jovens com idade entre 13 e 18 anos

SUBMISSÃO
DAS MULHERES ÀS
REDES SOCIAIS

#SomosTodasReais

SÉCULO XIV

RENASCIMENTO

Padrão de beleza:
Testa grande

Tratamentos
químicos

da com

miseria

<https://www.youtube.com/watch?v=e3xjNz2kDnA>

A SUBMISSÃO DAS MULHERES ÀS REDES SOCIAIS

CRÉDITOS

Direção

Isabella Pimentel Sousa

Roteiro

Isabella Pimentel Sousa

Fotografia

Isabella Pimentel Sousa

Vitória Geovanna Lemos de Araujo

Imagens de Arquivo

GEOGRAFIA E ENSINO DE GEOGRAFIA. Planeta Terra visto do espaço. NASA-ISS Versão 2011, 2011. Disponível em: https://youtu.be/QjZv2ukqb_g. Acesso em: 23 maio 2021.

DOMINGO ESPETACULAR. Domingo Espetacular explica como a busca pela beleza pode se tornar obsessão, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/WpKDdCj5azA>. Acesso em: 23 maio 2021.

RECORD TV GOIÁS. Graves sequelas após harmonização facial: vítimas procuram saídas para corrigir os danos, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/vvblW2eLU34>. Acesso em: 23 maio 2021.

PEDIATRIA ALTERNATIVA. Pai registra o crescimento da filha de 0 a 14 anos, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/AlaVrcsuZRc>. Acesso em: 23 maio 2021.

NAEGANANET2011. Viver nos anos 1920, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/2t72MhWeAp8>. Acesso em: 23 maio 2021.

Pexels

Canva

Wikiart

YouTube

Som

Voz: Isabella Pimentel Sousa

TRILHA sonora Drama e Ação/Música Sem direitos autorais/No Copyright (SSD). [S.L.:s.n.]. 1 vídeo (02:42 min). Publicado pelo canal Sons Sem Direitos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9OjlciviY4>. Acesso em: 27 maio 2021.

MUSICA de Suspense para Fundo de Vídeo - (Sem Direitos Autorais). [S.L.:s.n.], 2021. 1 vídeo (03:49 min). Publicado pelo canal VIBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2zwXBx7mvo>. Acesso em: 27 maio 2021.

Montagem/Edição

Isabella Pimentel Sousa

Entrevistada

Anália Golvea Silva

Pesquisa

PESQUISA mostra que apenas 4% das mulheres se definem bonitas e visagista faz alerta. **Terra**, 31 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/pesquisa-mostra-que-ape-nas-4-das-mulheres-se-definem-bonitas-e-visagista-faz-alerta,d-c639b371e2e909ce3995470f2959f1blnwd3sbg.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

CONTAIFER, Juliana. Padrão de beleza: pesquisa mundial mostra que apenas 4% das mulheres se definem como belas. **Saúde Plena**, 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/01/17/noticias-saude,193097/padrao-de-beleza-pesquisa-mundial-mostra-que-apenas-4-das-mulheres-s.shtm>. Acesso em: 20 maio 2021.

MACHADO, Andressa. Como a relação com o corpo foi ressignificada ao longo do tempo até chegarmos ao padrão da mulher branca e magra como ícone de beleza e sucesso. **Humanista**, 24 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/05/24/padroes-de-beleza-restritivos-causam-sofrimento-a-mulheres/>. Acesso em: 20 maio 2021.

TESTA, Fernanda. Mídia influencia satisfação corporal de jovens, diz pesquisa da USP. **G1**, 10 de maio de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/05/midia-influencia-satisfacao-corporal-de-jovens-diz-pesquisa-da-usp.html>. Acesso em: 20 maio 2021.

REDES sociais impulsionam a realização de cirurgias plásticas. **Paran@shop**, 17 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://paranashop.com.br/2020/02/redes-sociais-impulsionam-a-realizacao-de-cirurgias-plasticas/>. Acesso em: 20 maio 2021.

Depressão e redes sociais: veja como uma influencia na outra. **MetLife**, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.metlife.com.br/blog/saude-e-bem-estar/depressao-e-redes-sociais/>. Acesso em: 21 maio 2021.

MARQUES, Melissa. Entenda o caso de Julia Gabriele, a adolescente brasileira que sofreu cyberbullying. **Todateen**, 27 de março de 2013. Disponível em: <https://todateen.uol.com.br/caso-julia-gabriele-cyberbullying/amp/>. Acesso em: 21 maio 2021.

OTTO, Isabella. O suicídio da adolescente Dielly Santos e o falso body positivity. **Capricho**, 27 de maio de 2018. Disponível em:

<https://capricho.abril.com.br/comportamento/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/amp/>. Acesso em: 21 maio 2021.

COSTA, José Junio Souza da. A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, v. VII, n. 18, 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/educacao18/06182015RT.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

ASTUTO, Bruno. Procura por cirurgias plásticas aumenta por causa das redes sociais. **Época**. 02 de agosto de 2014. Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/07/procura-por-cirurgias-plasticas-aumenta-por-causa-de-bredes-sociaisb.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

A ciência do prazer: por que gostamos do que gostamos?. **BBC NEWS**. 02 de abril de 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160321_prazer_ciencia_fn#:~:text=%22Quando%20uma%20pessoa%20experimenta%20a,%20mesma%20parte%20do%20c%C3%A9rebro%20emocional.%22&text=%22%C3%89%20o%20centro%20do%20prazer,e%20est%C3%A1%20associado%20com%20satisfa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 15 abr. 2021.

Famosos inspiram o mundo ao compartilharem suas histórias com transtornos mentais. **Hypeness**. 05 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/11/famosos-inspiram-o-mundo-ao-compartilharem-suas-historias-com-transtornos-mentais/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Artistas que enfrentam distúrbios e transtornos mentais. **Clinica Care**. Disponível em: <https://clinicaecare.com.br/artistas-que-enfrentam-disturbios-e-transtornos-mentais/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Por que nos lembramos das críticas e esquecemos os elogios?. **Folha na Web**. 07 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/SAUDE/Saude/Por-que-nos-lembramos-das-criticas-e-esquecemos-os-elogios-/60458>. Acesso em: 20 abr. 2021.

As redes sociais além do like. **Medley**. Disponível em: <https://www.medley.com.br/blog/saude-mental/setembro-amarelo>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SINÉSIO, Valéria. Além de desequilíbrio emocional, baixa autoestima pode levar à depressão. **Jornal da Paraíba**. 19 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.jornaldaparaiba.com.br/bem-estar/alem-de-desequilibrio-emocional-baixa-autoestima-pode-levar-a-depressao.html#:~:text=A%20baixa%20autoestima%20pode%20ser,e%20at%C3%A9%20mesmo%20a%20depress%C3%A3o>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MATOS, Thaís. Rosto de influenciadora: Por que ex-BBBs e celebridades estão cada vez mais parecidos?. **G1**. 08 de julho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/07/08/rosto-de-influenciadora-por-que-ex-bbbs-e-celebridades-estao-cada-vez-mais-parecidos.ghhtml>. Acesso em: 15 maio 2021.

EIRAS, Natália. Os filtros do Instagram estão mudando nossa aparência na vida real? **Elle**. 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais/particle-2>. Acesso em: 15 maio 2021.

Agradecimentos

À Suiani Fabiano Caixeta

Orientação

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Dra. Maria Alice Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Disciplina: Produção Científica em Linguagem Visual e Audiovisual

Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Goiânia/Goiás

2021

A SUBMISSÃO DAS MULHERES ÀS REDES SOCIAIS

Isabella Pimentel Sousa¹

Vitória Geovanna Lemos de Araujo²

Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento. (Paulo Freire, 1974).

A educação é a chave para a liberdade. Paulo Freire (1921-1997) a defende como política, sendo um meio de compreender a realidade social, e a partir dessa compreensão surge o olhar crítico. A obtenção desse conhecimento sobre a realidade é o que caracteriza sua tese de Pedagogia da Autonomia: “O conhecimento é o processo que implica na ação-reflexão do homem sobre o mundo” (Freire, 2003, p. 79).

Em uma comemoração centenária do nascimento do educador, é possível observar o quão atual e importantes são seus estudos e a necessidade da prática de uma educação que propõe liberdade e igualdade a fim de transformar o mundo, pois como ele mesmo cita trazendo o caráter transformador da

1 Isabella Pimenta. Isapsousa04@gmail.com.

2 Vitória Geovanna Lemos. vitoriageovanna@discente.ufg.br.

educação: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (Freire, 2000, p. 67).

O trabalho audiovisual aqui produzido é inspirado pelos postulados de Paulo Freire, buscando expor a submissão das mulheres às redes sociais, como uma exposição da realidade que instiga a reflexão sobre si e sobre o mundo sociopolítico. A produção do vídeo é fundamentada em pesquisas que comprovam a existência de um padrão de beleza feminina que perdura há séculos, e que hoje se revela de forma autoritária nas redes sociais, estando ligada ao comércio e à saúde física e psicológica das mulheres.

Das reflexões propostas no vídeo, há o estímulo do pensamento crítico acerca do que é considerado “belo” e da importância dada a esse conceito. Há uma crítica sobre a transmissão desse conceito durante a educação dos filhos e a imposição dele na vida social. Com a problematização a partir da revelação da realidade, o vídeo busca incitar um conflito interno no telespectador, a fim de impulsionar uma transformação e a luta contra a opressão; uma sugestão dada pelo próprio vídeo é o uso da *#SomosTodasReais*, que será usada num impulso contrário à opressão em um dos ambientes em que ela ocorre: nas redes sociais.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta

que, pela finalidade que lhe deram os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revisa da falsa generosidade referida. (Freire, 1974, p. 32).

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM VISUAL E AUDIOVISUAL

Link de acesso à Sala Virtual:

<https://classroom.google.com/c/MjQyMjM2NzgwOTE4?cjc=2omgjpa>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À
EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

ANO LETIVO 2020/2

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUAGEM VISUAL/AUDIOVISUAL

Disciplina na Modalidade de Ensino Remoto

RESPONSÁVEIS

Profa. Dra. Deise Mesquita / Profa. Dra. Maria Alice Rocha / Profa.
Dra. Silvana Freire

EMENTA

A pesquisa científica e o produto educacional no mestrado profissional. A linguagem visual/audiovisual como problematização da realidade, manifestação de ideias e elaboração de conhecimento. A captação e a montagem de imagens visuais /audiovisuais.

CONTEÚDO

Características que definem o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica.

O projeto de pesquisa desenvolvido sob a perspectiva da estética da diferença (imagem visual/audiovisual).

Aspectos da arte visual/audiovisual: conceitos, procedimentos e resultados.

Processos de captação de imagens visuais/audiovisuais: estratégias teórico-metodológicas.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Leitura dialogada de textos, rodas de conversa, análise e exercício de captação/montagem visual/audiovisual.

AVALIAÇÃO

Participação efetiva em aula virtual e produção de ensaio/montagem de um projeto visual/audiovisual.

PROGRAMA DE DISCIPLINA

Encontros Virtuais – Google Meet

1º - Roda de - A Produção Acadêmica em Linguagem Visual e Audiovisual

Tema: Proposta da disciplina / Produto Educacional / Projeto Acadêmico

2º – Leitura dialogada – Textos psicanalíticos

Freud - Lembranças encobridoras

Rivera - Cinema, imagem e psicanálise

3º – Leitura dialogada – Textos psicanalíticos

Freud - Repetir, recordar e elaborar e Escritores criativos

Rivera - Cinema e Pulsão

4º – Apresentação de produção visual dos grupos

Tema: Escrituras imagéticas inspiradas em obras de Paulo Freire

Roda de Conversa com convidados

5º – Pesquisa - Roteiro para produção audiovisual

6º – Leitura dialogada – Textos sobre arte e (re)produção Barthes -

Ao sair do cinema Didi-Huberman – A Inelutável Cisão do Ver

7º – Leitura dialogada – Texto sobre arte e (re)produção

Didi-Huberman - Quando as Imagens Tocam o Real

Gerbase – Primeiro filme: festival, projeto, livro... – <https://www.primeirofilme.com.br/site/>

8º – Roda de Conversa

Tema: Produção Visual e Audiovisual na Educação Básica

Convidados: Élide Ferreira, Denízia Rosa, Gilvana Machado, Maria Zilma Ferreira e Weslania Evangelista

9º – Pesquisa – Projeto de produção audiovisual

10º – Leitura dialogada

Técnicas e Ensaios (TV Escola, Doc TV Brasil IV e Reyes)

11º – Roda de conversa

Tema: roteiro, projeto e produção

12º – Pesquisa – Produção

13º – Roda de conversa

Tema: análise, revisão e edição

14º – Roda de conversa

Tema: exibição e análise

15º – III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARTHES, Roland. Ao sair do cinema. In: **O Rumor da Língua**. Trad.: Mário Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 427-433.

BRASIL. Ministério da Educação. Capes. **Documento de Área – Ensino**. 2016.

DOC TV BRASIL IV. **Oficina para formatação de projetos**. 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A Inelutável Cisão do Ver. In: _____ . **O Que Vemos O que Nos Olha**. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 29-48.

_____. **Quando as Imagens Tocam o Real**. In: <https://rebeldesistemico.files.wordpress.com/2016/10/quand-o-as-imagens-tocam-o-real.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FREUD, Sigmund. Lembranças Encobridoras (1899). In: _____ . **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. III, p. 333-358. Edição Standard Brasileira.

_____. Escritores criativos e devaneio (1908 [1907]). In: _____ . **Obras completas**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Recordar, repetir e elaborar(1914). In: _____ . **Obras completas**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GERBASE, Carlos. **Primeiro filme: festival, projeto, livro...** In: <https://www.primeirofilme.com.br/site/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____ . **Linguística e comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 34-62.

_____. Decadência do cinema? In: _____ . **Linguística poética e cinema**. São. Paulo: Perspectiva, 2007, p. 153-161.

REYES, Paulo (org.). A Imagem Fraturada a Favor de um Projeto em Processo. In: **Projeto como pensamento: diálogos com a filosofia (a imagem em Georges Didi-Huberman)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Arquitetura/Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. In: https://issuu.com/lucasboeirabittencourt/docs/p_pensamento_preyes. Acesso em: 12 dez. 2020.

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Cinema e Pulsão. In: **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Jan./Jun. 2006, v. 18, n. 1, p. 71-76. (PDF)

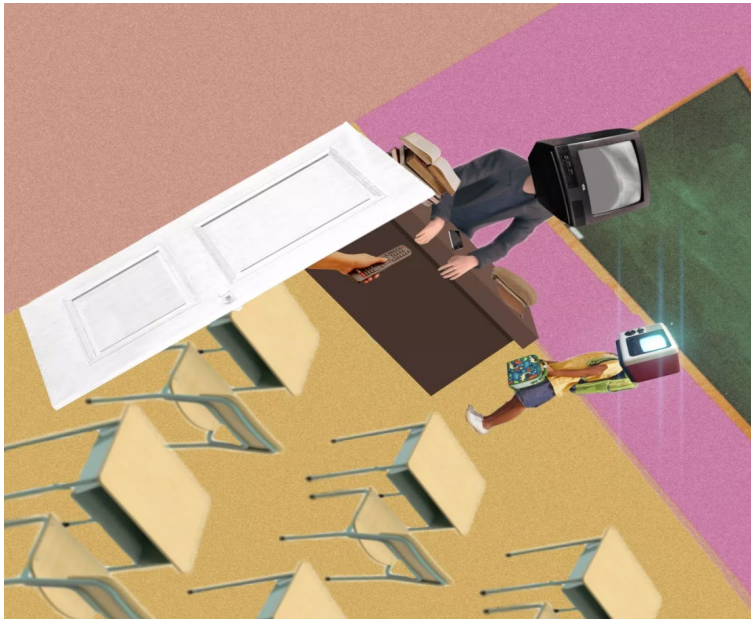
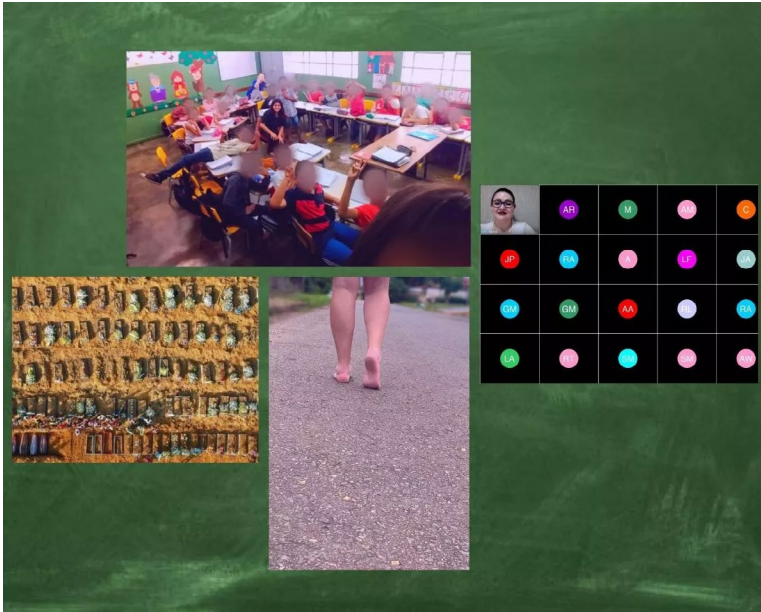
TV ESCOLA. **Oficina de Produção de Vídeos**. s/data.

IMAGENS ESTÁTICAS

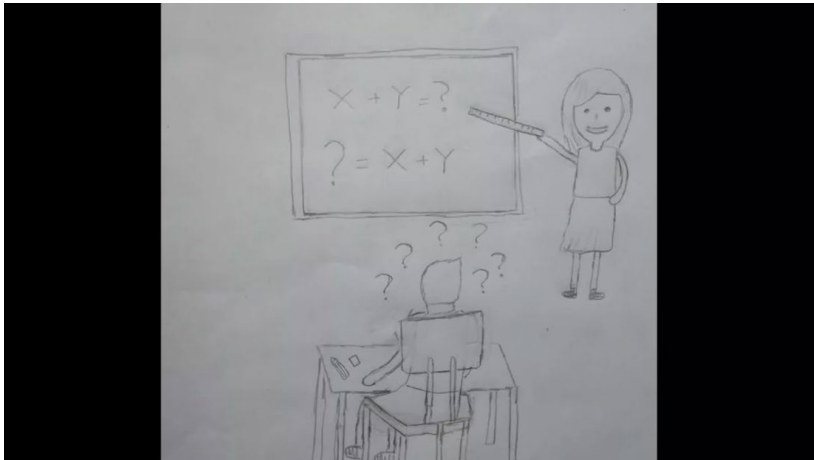
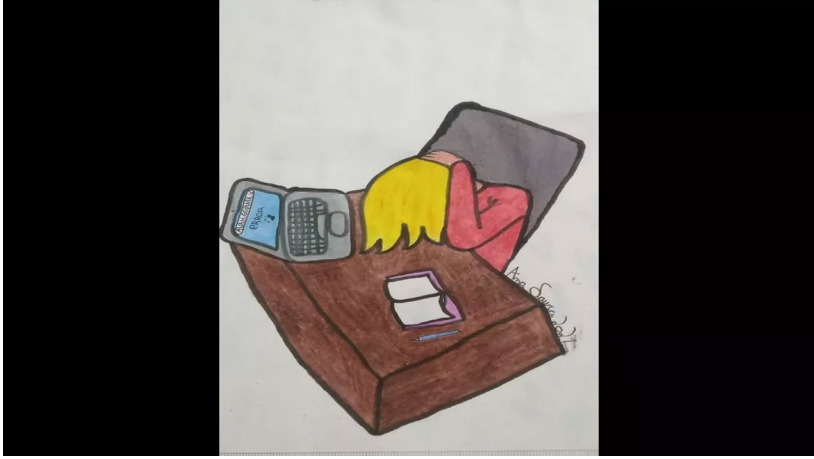
2021

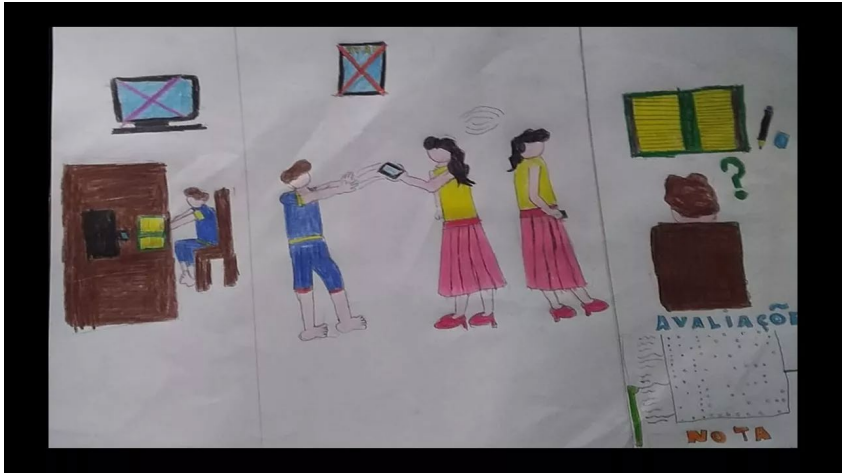


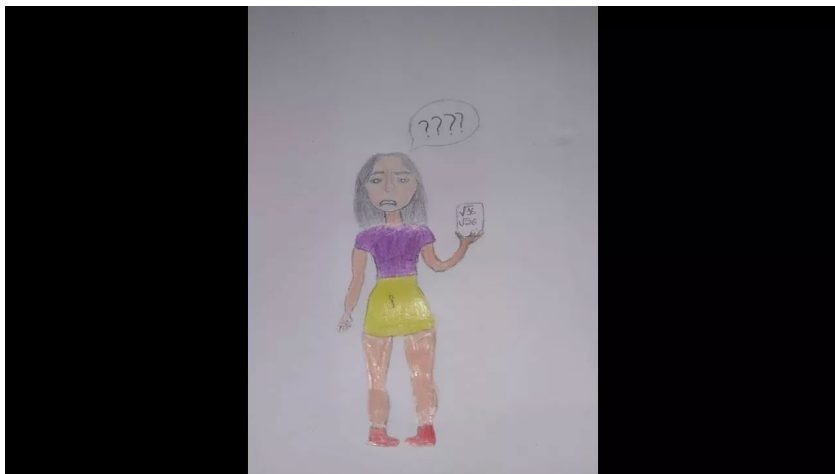
Grupo 1: Educação antirracista: Júlio, Lara e Wanderley



Grupo 2: Autonomia do professor: Patrícia, Lucas, Élide e Victor







Grupo 3: A invisibilidade visível - Iracy, Janaína e Mariusa



**Grupo 4: Educação para a autonomia por meio das tics –
Deyzylany Neves, Edson Barbosa e Fernanda Bueno**



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h às 20h30
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE
PLANOS



visagem



Cineclube
UFG
Centro de Estudos e Projetos
Instituições de Ensino de Graduação

Superintendência de
Ensino, Aperfeiçoamento
e Atividade Educacional

SEDUC
Secretaria de
Estado da Educação



GOIAS
Estado
de Goiás



Dia 07/06

Link: https://www.youtube.com/watch?v=25hUMm0Bb_4



CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS RIO NORTE



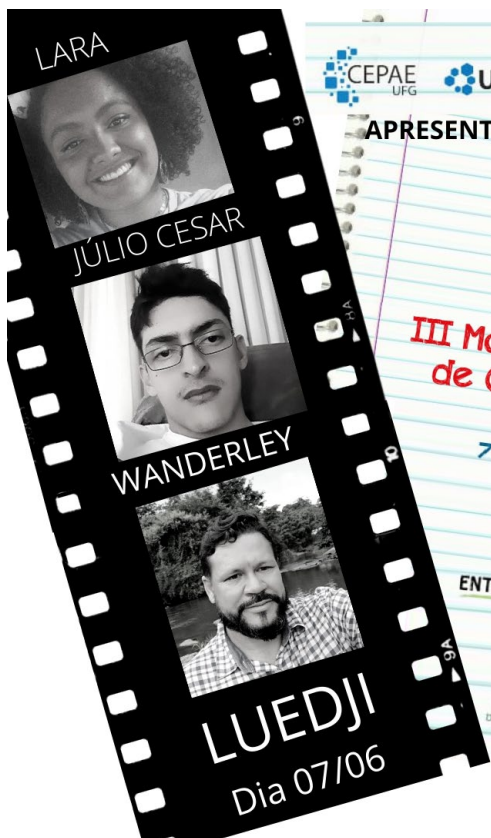
Centro de Estudos e Pesquisa
Secretaria de Estado de Educação

Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado de Educação



GOVIAS






APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização










Dia 08/06

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=1-qlweT-Ufk>



CEPAE UFG UFG

APRESENTA

III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS

NO MONTE

visagem

Clonando o Arte

Centro de Estudos e Pesquisas
Secretaria de Ensino da Educação

Superintendência de Apoio Educacional, Arts e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado da Educação

GOIAS
ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ÉLIDA

PATRÍCIA

LUCAS

VITOR

CEPAE UFG UFG

APRESENTA

REINVENTAR

08/06



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS



NO NORTE



Superintendência de Desenvolvimento Educacional, Arte e Educação.

SEDUC Secretariat de Estado da Educação.



Dia 09/06

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=13anEeYsSEE>



CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS

NO NOITE

visagem

Grando do Aito

Centro de Estudos e Pesquisas
Secretaria do Estado da Educação

Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado da Educação

GOIAS
E POR VIVER
SÓ TEMOS
PAZ
COMO OS BASTARDOS

<https://youtu.be/GVIKaoM3Za0>



CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS RIO NORTE VISAGEM

Centro de Fomento e Pesquisa
Secretaria de Estado de Educação

Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado de Educação

GOIAS
Estado de Goiás

<https://youtu.be/VwHWdnHGO1o>

Dia 10/06

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZR8nFeT6Ic0>



CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS



Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado da Educação





CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE PLANOS
TRU NUNTE
visagem

Centro de Estudos em Artes
Secretaria de Estado da Educação

Superintendência de Desporto Educacional, Arte e Educação

SEDUC
Secretaria de Estado da Educação

GOIAS
20 ANOS
2011-2021
CONSTRUINDO UM FUTURO

<https://youtu.be/h2rE8IOPFto>



CEPAE UFG UFG

APRESENTA



III Mostra Internacional de Cinema Estudantil

7 a 10 de junho de 2021, 19h
Canal Youtube UFG Oficial

Realização

ENTRE 7 PLANOS



Superintendência de
Desporto Educacional,
Arts e Educação

SEDUC
Secretaria de
Estado da Educação



ACESSE



<https://youtu.be/4IUCMtDIHlo>

V FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!



Dias 20 a 24 de setembro de 2021
Goiânia – Goiás
Brasil

SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Sommet, Abril Titling

Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br/>